

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

AGRESSOR CONJUGAL: UMA COMPREENSÃO PSICANALÍTICA

SUZANA CATANIO DOS SANTOS NARDI

Mestranda

São Leopoldo

2011

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS-UNISINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

AGRESSOR CONJUGAL: UMA COMPREENSÃO PSICANALÍTICA

SUZANA CATANIO DOS SANTOS NARDI

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora:

Profa. Dra. Sílvia Pereira da Cruz Benetti

São Leopoldo

2011

SUZANA CATANIO DOS SANTOS NARDI

AGRESSOR CONJUGAL: UMA COMPREENSÃO PSICANALÍTICA

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Silvia Pereira da Cruz Benetti

(Orientadora)

Profa. Dra. Blanca Werlang

(Membro)

Profa. Dra. Hericka Zogbi Dias

(Membro)

Profa. Dra. Denise Falcke

(Relatora)

DEDICATÓRIA

Nenhum trabalho tem sentido se não tiver como base, o amor. Este, eu encontro na minha família, que é meu sustentáculo. Em meu marido que foi incansável em suas apostas no meu trabalho. Em meus filhos, os quais acompanham toda a minha trajetória profissional, sempre amorosos, principalmente nos momentos difíceis.

Aos meus pais, pela retidão de caráter e valores que me transmitiram, fazendo de mim quem sou hoje.

À minha segunda mãe, “Tia Nilda”, que me adotou e se deixou adotar, tornando-se a avó dos meus filhos.

AGRADECIMENTOS

Dois anos de convívio mostraram-me que a Profa. Dra. Silvia Benetti não é apenas uma orientadora ou professora; ela vai além. Ela é a incentivadora de minhas ideias, confidente amiga, com quem aprendi muito mais do que a redigir um artigo ou a elaborar uma pesquisa. Aprendi a olhar a vida com tolerância e que a sabedoria e a experiência são adquiridas com as pessoas com as quais nos relacionamos, além de muito trabalho e experiência.

Agradeço à Dra. Uiara Castilho Reis, mulher que não teme a luta pelos direitos das mulheres, que tem sede de saber e de justiça. Abriu em seu trabalho um espaço, permitindo-me realizar a coleta de dados para a pesquisa.

Um agradecimento especial à Profa. Dra. Blanca Susana Guevara Werlang, minha professora de graduação, que muito me ensinou e, com seu afeto, me acolheu quando necessitei.

À Maria Luiza Oliveira, psicanalista suficientemente boa que me ensina a *ser*.

À Profa. Dra. Hericka Zogbi Dias, que se disponibilizou a me ajudar com a pesquisa, mesmo sem me conhecer, enriquecendo meu trabalho com suas contribuições.

À Profa. Dra. Denise Falcke, por suas contribuições, sua disponibilidade e sua parceria.

Às colegas Michele Reghelin e Carolina Lemos, pelos momentos alegres, pelos incentivos e pela oportunidade de aprender com vocês.

Às bolsistas Glaucia Roth e Francis Macarena Acunã, pelo auxílio na elaboração deste trabalho.

*Todo dia ele faz diferente,
não sei se ele volta da rua
Não sei se me traz um presente,
não sei se ele fica na sua
Talvez ele chegue sentido,
quem sabe me cobre de beijos
Ou nem me desmancha o vestido,
Ou nem me adivinha os desejos
Dia ímpar tem chocolate, dia par eu vivo de brisa
Dia útil ele me bate, dia santo ele me alisa
Longe dele eu tremo de amor,
na presença dele me calo
Eu de dia sou sua flor, eu de noite sou seu cavalo
A cerveja dele é sagrada,
a vontade dele é a mais justa
A minha paixão é piada, sua risada me assusta
Sua boca é um cadeado e meu corpo é uma fogueira
Enquanto ele dorme pesado
eu rolo sozinha na esteira
E nem me adivinha os desejos
Eu de noite sou seu cavalo*

(Sem Açúcar, de Chico Buarque)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
SEÇÃO I CONTRIBUIÇÕES PSICANALÍTICAS ACERCA DA VIOLÊNCIA CONJUGAL	16
1 INTRODUÇÃO.....	17
1.1 Contribuições Freudianas.....	18
1.2 Contribuições Contemporâneas.....	21
1.3 Teoria das Relações Objetais.....	22
1.4 Teoria do Apego.....	25
2 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	32
SEÇÃO II VIOLÊNCIA CONJUGAL: ESTUDO DAS CARACTERÍSTICAS DAS RELAÇÕES OBJETAIS EM HOMENS AGRESSORES.....	37
1 INTRODUÇÃO.....	38
2 MÉTODO.....	40
2.1 Procedimentos.....	40
2.2 Procedimentos Éticos.....	40
2.3 Instrumentos.....	41
3 ANÁLISE DOS RESULTADOS	43
Tabela 1 – Dados Sociodemográficos.....	43
Tabela 2 – BORRTI-O.....	44
4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	46
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
PALAVRAS FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	53
APÊNDICES.....	57

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	57
Apêndice B – Carta de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UNISINOS.....	58
ANEXOS.....	59
Anexo A – BORRTI-O.....	59
Anexo B – Folha de Correção do BORRTI-O.....	60
Anexo C – Ficha de Dados Sociodemográficos.....	63

RESUMO

Esta Dissertação de Mestrado aborda o tema da violência no âmbito das relações afetivas íntimas, mais especificamente, a compreensão dos processos psíquicos de homens agressores. Toma como referência a teoria psicanalítica das Relações Objetais, em especial as características das relações objetais e dos vínculos afetivos estabelecidos com os outros, em homens envolvidos com violência conjugal. Esta pesquisa foi realizada em uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul. Os participantes foram quinze homens envolvidos em processos judiciais de violência contra a companheira (Lei Maria da Penha). A coleta de dados foi realizada em um período de seis meses e foram utilizados os instrumentos: entrevista, ficha de dados sociodemográficos e o Inventário BORRTI-O. Este último instrumento oferece quatro tipos de resultados ou de fatores interpretativos, os quais demarcam quatro modos de relação objetal internalizada, além de um resultado numérico. A ficha de dados sociodemográficos teve como finalidade a descrição da amostra, e as entrevistas coletaram dados da história de vida dos participantes. Assim, com base no referencial teórico de autores clássicos como Freud (1914/1996, 1930/1996) e Klein (1932/1969), e de autores contemporâneos como Zosky (1999), Fonagy (2000) e Caligor, Diamond, Yeomans e Kernberg (2009), buscou-se compreender, a partir dos vínculos estabelecidos precocemente pelo indivíduo, as possíveis repercussões destas relações na vida adulta.

Palavras-chave: relações objetais; agressor; violência conjugal.

ABSTRACT

This master's thesis addresses the issue of violence within intimate personal relationships and, especially, the comprehension of the mental processes of men who batter. It take as theoretical references the psychoanalytic theory of object relations, the characteristics of object relations and emotional ties established with other men involved in marital violence. This research was conducted in the metropolitan region of Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil. The participants were fifteen men involved in Maria da Penha's law. Data collection was performed over a period of six months and the following instruments were used: sociodemographic data sheet, interviews and BORRTI-O. The latter instrument offers four types of results or interpretation of factors, which demarcate the four modes of internalized object relations, and a numeric result. The sociodemographic data sheet was intended to

describe the sample and collect life history data from the participants. Thus, based on the theory of classical authors such as Freud (1914/1996, 1930/1996) and Klein (1932/1969), and contemporary authors as Zosky (1999), Fonagy (2000) and Caligor, Diamond, Yeomans and Kernberg (2009), we sought to understand the links established earlier in life and the possible impact of these individual relationships in adulthood.

Keywords: object relations; offending; domestic violence

1 INTRODUÇÃO

A violência doméstica é considerada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como problema de saúde pública em função da alta prevalência de casos identificados em distintas regiões do mundo e da gravidade das consequências para as vítimas (OPAS, 1998; OMS, 2001). Em 1993, a Assembleia das Nações Unidas, em seu Artigo I da Declaração da Eliminação da Violência contra a Mulher, definiu esta categoria de violência como todo o ato de violência de gênero que resulte ou possa vir a resultar em dano físico, sexual ou psicológico na mulher, incluindo atos de coerção, privação de liberdade, tanto na vida pública como privada (Kishor, 2005). Inclui também toda ação ou omissão que venha prejudicar o bem estar físico e psicológico, ou o desenvolvimento de outro membro da família, mesmo de pessoas sem consanguinidade, mas que convivem e assumem papéis parentais.

Muitas vezes, a expressão “violência contra a mulher” é usada como sinônimo de violência doméstica e violência de gênero. Porém, torna-se necessário uma distinção. Saffioti (2004) compreende a violência de gênero como uma violência mais ampla, podendo incluir a violência doméstica e a violência familiar. A violência contra a mulher caracteriza-se por uma violência cometida por um homem contra uma mulher, predominando motivos fundados em aspectos culturais, a partir de um modelo no qual o papel da violência nas relações interpessoais envolve poder (Porto & Luz, 2004). Essa condição de gênero determina a existência desse tipo de violência, ocorrendo frequentemente no espaço privado, onde o agressor pode ser o pai, o irmão ou o parceiro íntimo.

Os termos *violência doméstica* e *violência familiar* fazem referência ao espaço comum, onde acontecem os atos violento, e ao tipo de relacionamento entre os indivíduos que estão envolvidos. Deste modo, a violência pode ser direcionada para outros alvos. Assim, as mulheres não são suas únicas vítimas, podendo ser vítimas ou perpetradores outros membros da família. Já a *violência conjugal* refere-se à violência entre cônjuges, no relacionamento de namoro, casamento formalizado ou não. Diferente do termo *violência contra a mulher*, não cita nem vítima nem agressor; ambos podem ser vítimas ou agressores (Saffioti, 2004).

Especificamente em relação à violência contra a parceira, algumas políticas públicas vieram dar maior amparo à mulher. Assim, em relação a estas políticas, em 1985 foi criada a primeira Delegacia de Defesa da Mulher (DDM) no Brasil. Ainda assim, somente 10% dos municípios possuíam delegacias especiais para as mulheres no ano de 2001. Posteriormente,

em 2006, os dados apontavam para a existência de 637 serviços especializados no atendimento às mulheres, dentre centros de referência, casas abrigo, defensorias, juizados e delegacias especializadas.

Observa-se que houve um gradual aumento na disponibilidade de recursos, indicando um reflexo positivo alcançado pela criação da Lei 11340/06. Este é outro marco importante para o desenvolvimento de ações protetivas, tendo sido sancionada pelo Presidente da República em 7 de agosto de 2006, mais conhecida como Lei Maria da Penha (2006), que tem como finalidade coibir a violência doméstica contra a mulher, através de medidas de prevenção, assistência e proteção às mulheres vítimas de violência. Especificamente no artigo 7º deste documento, são conceituadas as formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, as quais incluem a violência física, sexual, psicológica, patrimonial e moral.

Em 2007, os dados da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM) apontavam para a existência de 415 Delegacias ou Postos Especializados de Atendimento à Mulher; 118 Centros de Referência de Atendimento à Mulher; 64 Casas Abrigo; 14 Defensorias Públicas da Mulher; a Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180; a Ouvidoria da SPM; além de novos serviços, como os Juizados e as Varas de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, criados a partir da Lei Maria da Penha, e que, em 2007, totalizaram 55.

A *violência física* é definida como qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal. A *violência psicológica* inclui qualquer conduta que cause dano emocional; diminuição da auto-estima; que prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento da mulher ou que vise degradar ou controlar as ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e cerceamento do direito de ir e vir ou outro modo que cause dano à saúde psicológica. A *violência sexual*, por sua vez, refere-se a qualquer conduta que cause constrangimento ao presenciar, manter ou participar de relação sexual não consentida, por intimidação, coação ou uso da força; ameaça que possa levá-la a comercializar ou a utilizar, de qualquer maneira, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos. Já a *violência patrimonial* é entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e recursos

econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades. Por fim, a *violência moral* é entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria (Lei Maria da Penha, 2006).

Todavia, no âmbito governamental, a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres vem dando uma especial ênfase, tanto para as pesquisas quanto para a criação de políticas de atendimento, bem como a criação de centros de referência com serviços direcionados às vítimas. Observa-se que, em relação à intervenção, os trabalhos dirigem-se geralmente para o atendimento psicológico da vítima, sendo que poucos abordam o agressor. Assim, Granja e Medrado (2009), ao analisarem as posições de profissionais da rede de saúde sobre o atendimento a homens violentos, verificaram, por exemplo, que o atendimento psicológico, muitas vezes, é fundado somente na perspectiva do uso de álcool. Isto é, a associação entre violência e álcool é tomada como refletindo a maior parte do problema. Além disto, o atendimento aos homens é compreendido como cumprimento de pena. Portanto, a dificuldade de acesso aos serviços atinge tanto o sexo feminino quanto o masculino e, mesmo no caso das mulheres, a entrada no sistema se dá principalmente para os casos graves.

No Brasil, Padovani e Williams (2002) apontam para um menor número de trabalhos dirigidos ao homem agressor. Desta forma, a busca por bibliografia foi expandida para a literatura internacional. Assim, foram encontrados autores como Holtzworth-Munroe e Stuart (1994) e Dutton e Golland (1997), que já na década de 90, desenvolveram estudos voltados para uma maior compreensão das características dos agressores, propondo modelos ou tipos de agressores.

Dutton e Golland (1997) demonstraram que homens violentos possuem os seguintes tipos: psicopático, hipercontrolado e cíclico. O tipo psicopático é o mais raro e tem sempre um foco, atingindo não apenas a esposa, mas os filhos, parentes, vizinhos e conhecidos; constitui um tipo de violência generalizada. Comumente, são indivíduos que possuem históricos criminais, como furto, falsificação, tráfico de drogas, assassinatos, entre outros. O senso moral é deficitário; ele não demonstra arrependimento por seus atos e acredita que este é um comportamento natural do homem. Em decorrência, os agressores psicopáticos dificilmente aprendem com suas ações e são bastante resistentes ao processo psicoterapêutico. Já os agressores hipercontrolados parecem ter dificuldades em manter contato com seus sentimentos. Apresentam um comportamento passivo e evitam contato interpessoal. Neste caso, a agressão é o resultado de um progressivo acúmulo de frustrações. Outra característica deste tipo de agressor é o fato de ser socialmente e profissionalmente bem-visto, causando

surpresas às pessoas com as quais convive, quando descobrem seus abusos. Por último, o tipo mais encontrado compreende os agressores cíclicos ou emocionalmente instáveis, que são caracterizados como indivíduos sem capacidade de se deparar inteiramente com seus sentimentos e que desejam dominar a vida íntima de sua vítima. Deste modo, no começo de um relacionamento amoroso, eles frequentemente procuram uma pessoa que poderão controlar com maior facilidade, tanto no aspecto psicológico como físico.

Já Holtzworth-Munroe e Stuart (1994) propõem um modelo compreensivo do agressor. Este modelo inclui tipos e níveis, classificados em três dimensões: severidade e frequência da violência; generalização (ocorrência da agressão somente em casa ou em diferentes contextos); e aspectos de psicopatologia e transtornos de personalidade. A partir do uso destas três dimensões, os autores propõem a identificação de três subtipos de agressores. Estes subtipos integraram várias teorias intrapessoais de agressão em um modelo desenvolvimentista diferente dos já existentes. Eles destacam a importância da correlação entre o histórico de violência na família de origem, correlacionando com as modalidades de apego; apego dependente, impulsividade, atitudes hostis e positivas com as mulheres, diferenciando os agressores em subgrupos.

Assim, o modelo proposto pelos autores descreve os subtipos em três níveis de agressões conjugais: o primeiro apresenta baixo nível de abuso psicológico e sexual e baixa incidência de violência fora de casa; o nível médio a severo apresenta violência e abuso contra a mulher, além de episódios violentos ocasionais fora de casa, demonstrando altos índices de angústia, com instabilidade nas relações interpessoais e labilidade de humor. O segundo é violento de um modo geral, denominado pelos autores como anti-sociais. São os mais violentos e apresentam elevados níveis de violência conjugal e os mais altos níveis de violência extrafamiliar. E o terceiro é o agressor disfórico borderline, no qual o nível de abuso para com a esposa é severo; a violência é essencialmente direcionada a ela, com alguma violência extrafamiliar. Apresenta maior probabilidade de características de personalidade borderline.

Com base no interesse em ampliar o conhecimento sobre homens agressores, considerou-se que a teoria psicanalítica pode contribuir, ampliando e aprofundando essa compreensão. Logo, tendo-se em vista esses aspectos, justifica-se o presente estudo.

A **Seção I** desta dissertação apresenta o artigo teórico que consiste na revisão da teoria psicanalítica das Relações Objetais, acerca do tema da violência. São apresentados conceitos de autores como Freud, Klein, Fonagy e Kernberg. A **Seção II** comporta o artigo empírico,

que proporciona a compreensão psicanalítica de uma amostra de quinze homens envolvidos judicialmente com violência contra a parceira. Os dados foram analisados a partir do instrumento BORRTI-O, uma ficha de dados sociodemográficos e de uma entrevista. O artigo empírico, portanto, teve como objetivo aprofundar o conhecimento sobre os processos psíquicos de homens agressores conjugais, com base na teoria psicanalítica. Especificamente, o trabalho visa compreender as características das relações objetais e dos vínculos afetivos estabelecidos com outras pessoas.

SEÇÃO I – ARTIGO DE REVISÃO DE LITERATURA

CONTRIBUIÇÕES PSICANALÍTICAS ACERCA DA VIOLÊNCIA CONJUGAL

RESUMO

A violência é uma questão que há muito tempo vem despertando a atenção de estudiosos. Assim, a temática da agressividade humana e dos aspectos psíquicos associados aos impulsos agressivos tem sido extensamente abordada como objeto de estudo da teoria psicanalítica. O presente artigo se propõe a apresentar algumas contribuições psicanalíticas acerca da violência. Para isto, autores clássicos como Freud e Klein, passando pela Teoria do Apego, com Bolwby, e contemporâneos como Kernberg e Fonagy, são considerados neste trabalho. Observa-se que a psicanálise tem feito um percurso na tentativa de compreender o funcionamento psíquico de indivíduo violento, constituindo-se como um referencial que pode oferecer subsídios interessantes para uma identificação mais aprofundada dos aspectos intrapsíquicos envolvidos na agressão. Como consequência, podem ser derivados modelos interventivos que levem em conta os distintos níveis de funcionamento e defesas, proporcionando uma maior eficácia nos atendimentos.

Palavras-chave: Psicanálise; relações objetais; Teoria do Apego; violência.

ABSTRACT

Violence is a question that has been present in researchers' interests for a long time. Therefore, the themes of human aggressiveness and of psychological aspects associated to the aggressive impulses have been the object of study of the psychoanalytic theory. The present article intends to present some psychoanalytic contributions on the theme of violence. This way, classic authors such as Freud and Klein, including Bolwby's Attachment Theory and contemporaries authors like Kernberg and Fonagy are considered in this work. It is noticed that the psychoanalysis has treaded a long way in the attempt of understanding the psychological functioning of violent individual, constituting a referential system that can offer interesting subsidies for the identification of the intrapsychic aspects involved in aggression. As consequences, some models of interventions can be developed taking into account the different levels of functioning and defenses, providing a better efficiency in the services.

Keywords: Psychoanalysis; object relations; Attachment Theory; violence.

1 INTRODUÇÃO

O campo teórico da psicanálise tem contribuído com importantes aportes conceituais para a compreensão dos aspectos intrapsíquicos da violência e agressão (Freud, 1920/1976, 1924/1976, 1930; Klein, 1932/1969; Kernberg, 1995; Kernberg, Yeomans, Clarkin, & Levy, 2008; Fonagy, 1999, 2000), bem como da própria associação entre a sublimação da agressão e a formação da civilização (Freud, 1919/1996). Portanto, a noção de agressão, sob o vértice psicanalítico, foi relacionada tanto a conceitos fundamentais do funcionamento psíquico individual como a aspectos mais amplos referentes ao processo de constituição e desenvolvimento do processo civilizatório humano (Freud, 1919/1996, 1930/1996). Nesse sentido, Freud (1930/1996) agregou ao fenômeno a perspectiva de que a agressão se constitui como um aspecto intrínseco da natureza humana, posição que gerou controvérsias em sua aceitação. “Essa agressão cruel [...] desmascara os seres humanos como bestas selvagens que nem sequer respeitam os membros de sua própria espécie” (Freud, 1930/1996, p. 108).

Ainda que a teoria psicanalítica tenha ampliado a compreensão dos fenômenos ligados à violência e à agressão, Cogan, Porcerelli e Dromgoole (2001) consideram que pouco tem sido feito em relação ao estudo específico dos indivíduos que cometem atos violentos. Assim, o número de trabalhos dedicados à compreensão intrapsíquica de indivíduos violentos não é tão significativo, indicando uma área de estudo carente de investigações psicanalíticas voltadas para esse aspecto.

Sobretudo, observa-se que a contribuição psicanalítica tem se orientado para o trabalho clínico, principalmente sobre os aspectos estruturais da personalidade, localizando padrões agressivos de interação nas situações de funcionamento limítrofe ou borderline (Kernberg, 1995). Ainda que este enfoque tenha colaborado de forma significativa para o avanço do atendimento destas patologias, seria interessante uma compreensão mais aprofundada do funcionamento intrapsíquico nos casos de violência conjugal, destacando os aspectos edípicos e o papel das relações objetais estabelecidas ao longo do desenvolvimento, visto que estas situações formam a base para os futuros relacionamentos, durante todo o ciclo vital.

Cogan et al. (2001) consideram a violência contra parceiros como distinta dos atos violentos dirigidos a pessoas em geral, associando este tipo de violência a características específicas do funcionamento psíquico do agressor. Especificamente, destacam os elementos

psíquicos ligados à ansiedade de castração e ao Édipo nas manifestações de violência conjugal. Nessa direção, em um estudo realizado com homens violentos com suas parceiras, com estranhos ou em ambos os casos (Cogan & Porcerelli, 1996; Cogan et al., 2001), foram observados que as vulnerabilidades e as angústias dos homens em relações conjugais violentas são diferentes dos problemas dos homens violentos com outras pessoas. Assim, nesse estudo, identificou-se que a angústia de castração na violência entre parceiros foi mais intensa, enquanto o papel do álcool foi mais importante na violência contra estranhos. Em função dessas particularidades verificadas nos distintos grupos de homens violentos, os autores destacam a importante contribuição que a teoria psicanalítica pode oferecer para o estudo das características intrapsíquicas desses indivíduos, especialmente nas situações da violência conjugal.

Todavia, além das questões relativas à violência e ao gênero (Kronbauer & Meneghel, 2005), em especial à questão feminina na sociedade (Saffioti, 2001), que certamente influenciam as manifestações violentas, acreditamos que o estudo aprofundado voltado para a compreensão das singularidades das características psíquicas do homem agressor pode contribuir com elementos importantes para o desenvolvimento de intervenções dirigidas para distintas esferas de atenção, sejam elas ao nível familiar, individual ou coletivo.

Portanto, considerando a importância destas questões, este artigo tem como objetivo discutir algumas das contribuições psicanalíticas para a violência conjugal apresentando uma breve revisão da posição freudiana sobre a agressão humana e discutindo os modelos psicanalíticos contemporâneos derivados da perspectiva da Teoria das Relações Objetais (Klein, 1932/1969; Kernberg, 1979) e da Teoria do Apego (Bowlby, 1969/1990, 1984; Fonagy, Gergely, Jurist, & Target, 2002).

1.1 CONTRIBUIÇÕES FREUDIANAS

Em termos históricos, Freud (1905/1996) primeiramente tomou o impulso agressivo como a oposição entre a pulsão sexual e a pulsão de autoconservação, associando a agressão ao impulso sexual. Na primeira teoria pulsional, Freud (1920/1976) opõe o sexual e o autoconservativo, dando maior ênfase aos aspectos inerentes à pulsão sexual e relacionando as manifestações agressivas como oriundas de distintas situações.

Conforme Laplanche e Pontalis (2001), nesta etapa de sua obra, Freud não reconhecia a agressão como originada de um impulso próprio, mas da relação entre a sexualidade e o

instinto de autoconservação. Assim, no texto “O Instinto e suas Vicissitudes” (Freud, 1915/1996), são apresentados os destinos pulsionais ao longo do processo de desenvolvimento e no decorrer da vida, os quais incluem a reversão ao seu oposto, o retorno ao próprio eu, a repressão e a sublimação. A condição de reversão ao seu oposto pode se dar no processo de transformação de atividade em passividade e na reversão de conteúdo. No primeiro caso, temos a transformação do sadismo em masoquismo e, no segundo, a transformação de amor em ódio. Este caso é uma situação única e indicativa da ambivalência dos impulsos.

Nessa direção, em “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade”, Freud (1905/1996) apresenta a noção de masoquismo como a brutalidade associada à pulsão sexual, a dor vinculada ao prazer e a existência simultânea tanto das formas passivas quanto ativas no mesmo indivíduo. Assim, em determinadas situações extremas, a passividade está aliada à satisfação, associando-se ao sofrimento aplicado pelo objeto sexual.

Da mesma forma, o sadismo foi considerado por Freud (1924/1976) como um componente da pulsão sexual, consistindo no emprego da violência ou da força sobre outra pessoa. Já em relação ao masoquismo, ele acreditava que o sentimento de culpa estava inconscientemente vinculado a esse componente. Assim, o sujeito esperava ser punido por alguma coisa que, em sua fantasia, julga ser culpado, especialmente situações ligadas à masturbação infantil.

Alem destes aspectos, Freud (1930/1996) introduz a ideia de que sadismo e masoquismo estavam associados ao instinto destrutivo e mesclados ao erotismo. O autor posiciona-se, portanto, considerando que o instinto agressivo resulta da pulsão de morte e, ao lado de Eros, domina da mesma forma o mundo. Esta posição contrasta-se com a perspectiva inicial, quando, assim como outros psicanalistas, não admitia a existência de uma pulsão de agressão, passando, depois, à ideia de um dualismo pulsional. Posteriormente, a agressividade foi pensada como parte do conflito entre a pulsão de vida e a pulsão de morte.

Os elementos agressivos e hostis estão presentes no bebê ao nascer e são gradualmente limitados durante o desenvolvimento psíquico. Partindo de uma posição autoerótica e narcisista, quando o princípio do prazer demanda do objeto gratificação total, o gradual reconhecimento do outro restringe as manifestações e ações agressivas dirigidas ao objeto. Nesse sentido, Ferrari (2006) destaca que a crueldade origina-se nos momentos pré-edípicos quando ainda não prevalece o reconhecimento e a compaixão pelo outro, ocorrendo a passagem ao ato. Assim, para Freud, o sadismo infantil é associado à fase anal-sádica, na qual

já se estabeleceu uma relação de objeto, ainda que pré-genital, o que implica uma característica auto-erótica de satisfação libidinal ligada à expulsão e retenção das fezes. Por sua vez, o momento edípico é entendido como um organizador dos impulsos agressivos na rivalidade em jogo pela posse parental. Entretanto, neste momento evolutivo, podem ocorrer situações ligadas ao interjogo passivo/ativo presentes nessa etapa.

A agressão ou a pulsão de morte como uma pulsão independente e oposta à sexualidade e conservação, pulsão de vida, aparece em “Além do Princípio do Prazer” (Freud, 1920/1976). Desta forma, tomando como referência as proposições psicanalíticas na perspectiva das últimas conceituações freudianas, ele descreve que toda estrutura viva é formada por aspectos pulsionais: pulsão de vida (eros) e pulsão de morte (tânatos). Assim, a conduta agressiva indica uma impossibilidade do ego de ligar a energia psíquica proveniente da pulsão de morte, a qual, então, exige a descarga, em elementos simbolizáveis, através do deslocamento e da sublimação (Freud, 1930/1996).

A agressividade relaciona-se à motricidade impulsiva ou ao ato destrutivo que ocorre como resposta ao aumento de excitação que é, então, descarregada. Ao contrário, a percepção desse aumento é vista como uma ameaça à própria organização psíquica, indicando que ocorreram falhas no aparelho psíquico para lidar/simbolizar estas experiências (Freud, 1920/1976). Portanto, o sujeito seria intrinsecamente mau e destrutivo, sendo que a força da civilização se faz necessária para a contenção dos desejos, pois de outra forma estaria fadado a viver de maneira impulsiva, como os povos selvagens.

Anteriormente, em “Totem e Tabu”, Freud (1913/1976) já apresentara o tabu do incesto como o marco fundamental para o desenvolvimento da sociedade humana, logo, ampliando a importância deste conflito para o processo civilizatório. Assim, o medo do incesto e o impulso à exogamia foram entendidos como marcos de passagem de uma organização primitiva para o surgimento do indivíduo social. A morte do pai introduz a representação da lei ao nível simbólico, pois seu lugar passa a ser de um Pai mítico. Assim sendo, tal cena origina o fundamento da sociedade pela aceitação de normas e leis que regem os impulsos humanos.

Desta forma, a existência do sujeito, enquanto ser humano e social, só se dá através de sua inserção no simbólico, que lhe garante a habilidade de estabelecer comunicação, relacionamentos com outros sujeitos e com o mundo que o rodeia. Assim, a cultura torna-se a própria condição de possibilidade do ser humano. Deste modo, o caminho que leva o homem para a cultura é o confronto entre a impotência e a onipotência e, portanto, o estabelecimento

da lei, ocasião em que o sujeito se vê limitado, tendo a lei como norteadora e limitadora, possibilitando a convivência em sociedade (Freud, 1913/1976).

A leitura da contribuição freudiana permite que se identifique que o estudo da agressão humana forneceu conceitos centrais para a compreensão do desenvolvimento e funcionamento psíquico sob a perspectiva intrapsíquica, bem como dos aspectos interrelacionais da formação social e cultural da civilização. Com base nestes conceitos, desenvolveram-se perspectivas teóricas importantes, com Klein (1932/1969), Ferenczi (1933/1992) e Winnicott (1960/1989). No presente trabalho, são destacados os elementos relativos à Teoria das Relações Objetais e Teoria do Apego em interface com a questão da violência.

1.2 CONTRIBUIÇÕES CONTEMPORÂNEAS

A partir de Freud, algumas contribuições psicanalíticas têm ampliado a compreensão dos processos relacionais envolvidos nas situações de violência (Kernberg, 1995; Fonagy et al., 2002; Schmidt-Hellerau, 2002), destacando em especial o papel das relações objetais internalizadas e das características do estilo de apego estabelecido na primeira infância. Desta forma, os modelos compreensivos privilegiam principalmente o papel das características vinculares estabelecidas nos relacionamentos primitivos com as figuras parentais, bem como as características das representações objetais derivadas dessas interações (Lamanno-Adamo, 1999).

Assim, tomando como base trabalhos ulteriores da psicanálise acerca do papel das relações com o objeto externo ao longo do desenvolvimento, na consolidação de uma representação psíquica de si mesmo (*self*) e do outro, incluindo, nesse processo, o papel das fantasias, memórias e do afeto, foram sendo desenvolvidos modelos sobre a organização do aparelho psíquico e de sua função na manutenção e regulação pulsional (Schmidt-Hellerau, 2002; Kernberg, 2002).

Considerando especificamente a questão da violência doméstica, Lamanno-Adamo (1999) refere que esses comportamentos violentos resultam de distorções psíquicas relativas a aspectos da realidade. As distorções originam-se em um ambiente que não auxilia o bebê na construção de um senso de pertencer a um grupo familiar, não contribuindo para a discriminação dos fatos e das fantasias, propiciando o desenvolvimento de sujeitos com sentimentos frequentes de ameaças de desintegração do ego. Com base nessas experiências,

constroem-se defesas psíquicas fundadas nos mecanismos da repressão e da negação, que permanecem organizadas e firmemente mantidas, utilizadas com o objetivo de manter o ego protegido do excesso de ansiedade. Neste sentido, a autora destaca que a violência é uma manifestação em face do medo intenso associada a estruturas inconscientes.

1.3 TEORIA DAS RELAÇÕES OBJETAIS

Utilizando especificamente o referencial da Teoria das Relações Objetais, diversos estudos (Kernberg, 1995; Zosky, 1999; Diamond, 2004) têm possibilitado uma maior compreensão do impacto das vivências traumáticas no desenvolvimento posterior de patologias acerca das situações de violência na vida adulta. Neste caso, são destacadas as representações mentais do objeto relativas aos elementos vinculares estabelecidos ao longo do desenvolvimento, as quais serão determinantes da capacidade de simbolização dos impulsos agressivos.

A expressão *relação de objeto*, de acordo com Laplanche e Pontalis (2001), é utilizada de maneira frequente na psicanálise contemporânea para designar a maneira como o sujeito se relaciona com seu mundo, com base em uma organização de personalidade específica, na apreensão mais ou menos fantasiosa dos objetos e em determinados tipos de defesa.

Assim, conforme Bruscato (1998), o termo relação objetal refere-se à habilidade dos indivíduos para os relacionamentos interpessoais, indicando as atitudes e os comportamentos em relação aos seus objetos, seja referindo-se aos indivíduos reais ou a imagens mentais. O termo objeto é utilizado em relação a uma pessoa ou algo concreto, real, porém externo e diferindo-se do sujeito. A representação objetal ou objeto interno contém as diversas qualidades do objeto externo. Deste modo, a relação objetal refere-se às representações intrapsíquicas das relações com os outros. Estas relações são inferidas, baseadas nas experiências relatadas ou condutas observadas nos relacionamentos objetais (Moore & Fine, 1990; Nigg et al., 1991), já que os objetos internos são representações intrapsíquicas das relações com outros indivíduos.

Para a Teoria das Relações Objetais, a organização do aparelho psíquico origina-se na interação entre os aspectos intrapsíquicos e os objetos externos derivados do relacionamento com os outros. No decorrer das interações com estes objetos externos ocorre a internalização do objeto e de suas características, permitindo que elementos do mundo externo e das interações passem a ser representados internamente. Este processo é de fundamental

importância para o desenvolvimento tanto da estrutura psíquica, quanto da personalidade e do funcionamento mental (Moore & Fine, 1990). Portanto, a internalização destas experiências é o principal colaborador primário para o desenvolvimento psicológico, pois, por meio dela, as estruturas mentais vão se estabelecendo de maneira que o indivíduo gradualmente esteja capacitado a assumir as funções que, de início, eram preenchidas por outros.

Assim, inicialmente, o bebê, sendo tão frágil, tanto no aspecto físico de cuidados, quanto no emocional, é dependente da mãe ou de um cuidador. De modo gradual, durante a primeira infância, o bebê vai conhecendo frustrações, as quais são importantes para o seu desenvolvimento, para que ele possa adquirir capacidade de tolerá-las. Porém, se forem excessivas, podem gerar intensos sentimentos de ódio, vivenciados como uma ameaça terrífica à sobrevivência, sob a forma de terror de fragmentação. Desta forma, o bebê lança mão de um mecanismo mental extremamente primitivo, quando coloca para fora de si os conteúdos agressivos, os quais ele necessita livrar-se, pois não consegue percebê-los como algo próprio (Klein, 1932/1969).

Sobretudo, quando a mãe encontra-se atormentada ou angustiada com as projeções de seu bebê, não conseguindo processar dentro de si tais projeções de raiva e angústia, a relação fica atravessada por sentimentos ambivalentes que provocam no bebê fantasias inconscientes de que é ele quem possui os elementos destrutivos, e o objeto de seu intenso ódio é o seio, que é possuidor de conteúdos extremamente maus, com intensa capacidade de destruição. Assim, o ego do bebê não consegue se desenvolver de maneira adequada, gerando uma percepção distorcida de um mundo mau, sem habilidade de suportar suas angústias, seu ódio, ou ele próprio (Klein, 1932/1969).

Por outro lado, se houver vivências agradáveis, quando o bebê é amamentado, acarinhado, acolhido e olhado nos olhos, além de ouvir palavras afetuosas da mãe, isso promove nele uma experiência de um seio bom, gratificador, o que suscita a percepção de um mundo acolhedor, seguro, tranquilizante. Consequentemente, desenvolvem-se defesas organizadas e firmemente mantidas. A repressão, a negação e a recusa são utilizadas com o objetivo de manter o ego protegido do excesso de ansiedade que ocorre devido à falha de assimilação de determinadas experiências. O bebê, deste modo, estrutura seu ego rudimentar e imaturo, utilizando-se do ego auxiliar da mãe para organizá-lo e acalmá-lo, até que essas funções sejam interiorizadas por meio da maturação e da contínua internalização das representações (Maciel & Rosemburg, 2006).

Estas experiências iniciais vão permitir, principalmente, o desenvolvimento gradual da capacidade de reconhecer-se como separado do objeto e de identificar o objeto como tendo características e vivências afetivas próprias. No adulto, permitem uma organização interna do sujeito autônoma com um senso de identidade própria, bem como uma experiência pessoal com os demais, rica e criativa. Portanto, é a partir do reconhecimento das experiências próprias e dos demais, dos limites pessoais e das necessidades do outro, que se estabelecem relações interpessoais com intimidade (Kernberg et al., 2008).

Ao contrário, alguns aspectos se destacam nos padrões de interações violentas, tais como vivências associadas ao desenvolvimento psíquico com falhas na capacidade de tolerar a perda do objeto de amor, com elementos narcisistas preponderantes na estrutura de personalidade ou até situações de rivalidade edípica que provoquem ansiedades de castração (Zosky, 1999). Logo, adultos que experienciaram falhas no amparo adequado de suas necessidade e poucas representações positivas internalizadas das interações com os objetos primários apresentam dificuldades para acalmarem-se em momentos de ansiedade, de manter uma autoestima saudável e de regular as respostas emocionais ao mundo exterior. No caso do agressor, a possibilidade da perda do objeto amado é experienciada por ele como perda total, de si mesmo, porque não possui as imagens internalizadas para a garantia de sua segurança (Kernberg, 1995).

Deste modo, segundo Zosky (1999), indivíduos que experienciaram violência doméstica na infância podem envolver-se em relacionamentos objetivos com características patológicas, já que as experiências negativas internalizadas organizam-se como um modelo básico para o estabelecimento de relações no mundo. Estas dificuldades emocionais relativas às experiências traumáticas se vinculam às representações mentais do objeto e do *self*, caracterizadas por imagens ambivalentes e dissociadas. Muitas vezes, estas representações negativas internalizadas continuam a causar distorções nas relações de adultos, percebidas subjetivamente de acordo com o modelo interno anterior negativo com predomínio da identificação projetiva.

Pode-se observar, portanto, que as representações internas conflitivas e instáveis das figuras cuidadoras são mantidas como modelos de funcionamento que são reeditados nas relações adultas. Este funcionamento se organiza em torno de características, tais como inabilidade do agressor em manter um senso de estabilidade interna e bem-estar, baixa autoestima e fronteiras do *self* instáveis. Justamente essas características fazem com que, nas

relações afetivas, os indivíduos procurem um parceiro que preencha ou resolva estas necessidades internas (Zosky, 1999).

Assim, esses estados afetivos resultam dos déficits ocorridos na infância que se reatualizam na relação conjugal. A violência ocorre, então, pelo temor da separação e da perda do amor do objeto, gerando no agressor o impulso de busca do poder como garantia contra o sentimento de dor pela separação do objeto. Ao contrário, os indivíduos que resolvem seus conflitos infantis de modo mais adequado, de acordo com Costa e Katz (1992), utilizam em menor amplitude o mecanismo da identificação projetiva, ressaltando que os cônjuges vão para o casamento com uma grande dose de independência e possibilidade de enriquecerem-se uns aos outros e individualmente. Desta forma, quando há resolução dos conflitos, as escolhas infantis de objeto podem ser substituídas por outras mais reais e atualizadas.

1.4 TEORIA DO APEGO

Outra vertente psicanalítica importante para a compreensão da violência nos vínculos interpessoais é a derivada da perspectiva da Teoria do Apego, originada nos trabalhos de Bowlby e Ainsworth. Inicialmente, Bowlby (1969/1990) considerou o apego como um mecanismo básico dos seres humanos, presente desde o embrião, funcionando como mecanismo de alimentação e da sexualidade, sendo considerado um sistema de controle homeostático, no qual as figuras de apego promovem e mantêm uma base de segurança frente a qualquer situação ameaçadora para o indivíduo.

O termo apego, segundo conceito de Ainsworth (1969), refere-se a um laço emocional que uma pessoa (ou animal) forma com outro indivíduo específico. As primeiras figuras de apego são os pais ou cuidadores e, posteriormente, os amigos e os pares amorosos que podem representar as figuras iniciais de apego. O apego é uma disposição para buscar proximidade e contato com uma figura específica, e sua característica principal é o estabelecimento do senso de segurança.

Para Bowlby (1984), o vínculo é uma ligação relativamente duradoura que se forma com um parceiro. É importante lembrar que ambos, tanto o vínculo afetivo como o apego, são estados internos. Os comportamentos de apego são observáveis e organizados nas interações das crianças com seus cuidadores, permitindo que a criança consiga obter e manter a

proximidade. Mesmo quando o indivíduo estabelece um novo vínculo com um par sexual, não significa que o apego aos pais desapareceu (Bowlby, 1989).

A partir da compreensão da dinâmica do apego, Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978) e Main e Salomon (1990) sugeriram padrões para tipos de apego, fundamentados nas experiências destas relações iniciais de apego. Ainsworth et al. (1978) identificaram três padrões de respostas do bebê à separação e à reunião com cuidadores: seguro, inseguro/evitativo e inseguro/resistente.

A categoria *estilo seguro de apego* caracteriza as pessoas que recorrem ao ponto seguro de apoio das figuras de apego, quando se encontram em situações que remetem às perdas ou ao rompimento de laços afetivos. Elas voltam ao estado de tranquilidade ou de homeostase, quando encontram essa figura de apego que lhes apóia, permitindo-lhes voltar-se para outros aspectos de seu interesse.

O *estilo inseguro/evitativo* caracteriza comportamentos de não procurar apoio das figuras de apego diante de situações estressantes pelo receio do afastamento dessas figuras ou dos laços de dependência. Portanto, sua atenção é dirigida para o campo externo, evitando o apego.

O *estilo inseguro/resistente* está relacionado ao comportamento de extremo estresse frente à separação das figuras de apego. Mesmo com o retorno do cuidador, há dificuldade de reestabelecer um estado de homeostase. Esses indivíduos são insatisfeitos e resistem receber apoio permanecendo ansiosos diante da possibilidade de nova ruptura do vínculo.

Main e Salomon (1990) acrescentam um quarto: o *estilo desorganizado*, que caracteriza a criança que não sabe de que forma voltar à situação de homeostase, apresentando respostas contraditórias frente à figura do apego, seja demonstrando interesse inicial por aproximação, o qual é seguido por agressão, seja por demonstrar desinteresse e pouca afetividade dirigida ao cuidador, por exemplo. Hesse e Main (2000) referem que crianças que apresentam este tipo de apego podem desenvolver transtornos dissociativos na infância e na adolescência, enquanto adultos que apresentam este estilo de apego aparecem frequentemente em populações psiquiátricas e penais.

Bowlby (1973) reconheceu que a raiva é a resposta natural da criança, quando a expectativa de segurança em relação à figura de apego, está comprometida. No segundo ano, e talvez ainda mais cedo, as manifestações de raiva servem para manter a integridade do *self* representação. Entretanto, a persistência de situações que levam à repostas de raiva gera

comportamentos defensivos agressivos, que passam a ser internalizados pela criança (Fonagy, 1999).

Observa-se que trabalhos contemporâneos sobre o vínculo agressivo trazem elementos integradores de conceitos psicanalíticos como a Teoria do Apego como base para o entendimento do funcionamento psíquico do adulto. Desta forma, Fonagy et al. (2002) introduzem uma aproximação entre a psicanálise e a Teoria do Apego, trazendo uma importante contribuição para a compreensão dos vínculos agressivos e abordando a falha na capacidade de mentalização como fator desencadeante da agressão.

Este conceito é definido por Eizirik e Fonagy (2009), como uma atividade mental predominantemente pré-consciente que habilita a pessoa para a compreensão de si própria e dos outros no que se refere aos processos mentais e estados subjetivos. Assim, os indivíduos que vivenciam uma infância traumática, defensivamente, são mais vulneráveis para a inibição desta capacidade. Desta maneira, algumas características de homens violentos podem ser ligadas ao desenvolvimento de patologia associada a esta inibição. Sobretudo, falhas importantes na capacidade de reconhecer estados internos subjetivos, tanto de si mesmo como dos demais, caracterizam o funcionamento de sujeitos com personalidade borderline (Fonagy, Target & Gergely, 2000).

A personalidade borderline possui características principalmente associadas à instabilidade afetiva, impulsividade, agressividade, idealização ou desvalorização dos relacionamentos, o que a torna um quadro clínico complexo associado ao risco de suicídio, abuso de substâncias e outras formas de comportamento de risco. Critchfield, Levy, Clarkin e Kernberg (2008) consideram que o estilo de apego, nesses casos, é um dos elementos essenciais para o entendimento do funcionamento patológico, porque refletem o modelo de funcionamento interno fundado na representação do *self* e dos demais. Justamente, este modelo de funcionamento interno construído desde os vínculos iniciais com as figuras parentais servirão de base para o desenvolvimento da identidade, da capacidade regulatória dos afetos e das experiências e da capacidade de manter proximidade com os demais. Nesse sentido, os autores destacam a importante associação entre o comportamento agressivo e o estilo de apego inseguro.

No caso de homens agressores, pesquisas empíricas como as de Dutton (2002) demonstram que o temor de perda ou de separação do objeto é um dos grandes motivos da agressão conjugal. Este autor refere que a raiva na relação interpessoal é decorrente da

necessidade de apego frustrada e funciona como uma forma de comportamento de protesto, que tem como objetivo reconquistar o contato com uma figura de apego.

Por sua vez, a frustração crônica na infância de necessidades de apego pode conduzir adultos para reagir com raiva extrema. Assim, a Teoria do Apego sugere que as explosões violentas no homem agressivo, pode ser uma forma de comportamento de protesto dirigida a sua figura de apego (neste caso, um parceiro sexual). Tanto Dutton (2002) como Hesse e Main (2000) associam agressividade e estilo de apego, sendo que o primeiro autor se reporta ao estilo desorganizado, e os outros dois ao estilo inseguro.

Recentemente, Fonagy et al. (2002) identificaram, a partir da teoria psicanalítica, que as características vinculares nas situações de violência entre parceiros íntimos apresentam alguns aspectos importantes. Ampliando o entendimento dos comportamentos agressivos e violentos, Fonagy (1999) aponta que não é suficiente a posição de que o padrão de apego ansioso estaria na raiz do comportamento adulto violento. Nesse sentido, o autor expande a compreensão sobre as manifestações de violência, incluindo outra característica do vínculo estabelecido com as figuras cuidadoras iniciais, a qual se refere à incapacidade do cuidador em reconhecer e refletir o estado emocional da criança, falha que está no cerne do estabelecimento da subjetividade, do reconhecimento de si mesmo e da formação do *self*.

Portanto, a experiência de sentir-se existindo na mente do cuidador é determinante da capacidade de reconhecer tanto a si mesmo (afetos, pensamentos) como aos demais, ou seja, da capacidade de pensar e de mentalizar. Esta capacidade é definida como uma atividade mental predominantemente pré-consciente que habilita a pessoa a alcançar uma compreensão de si própria e dos demais, no que se refere aos processos mentais e estados subjetivos. Traumas psicológicos nas fases iniciais da infância estão associados a prejuízos na capacidade de mentalização e com o desenvolvimento da patologia de transtorno de personalidade borderline.

Indivíduos violentos têm sido identificados como tendo experiências na infância de abuso e maus-tratos, as quais inibiram sua capacidade de mentalizar ou representar os estados internos (do *self* e dos demais). Logo, nos relacionamentos violentos, quando ocorre a percepção de menor controle sobre o objeto em função de sua autonomia, desencadeia-se uma experiência que reativa o modelo de funcionamento interno associado ao medo e à experiências ansiosas, gerando a agressão e um retorno a um estado de pré-mentalização. Esta por sua vez, restabelece o domínio sobre o objeto e a possibilidade de externalização deste *self* hostil (Fonagy, 1999).

Ambas as posturas teóricas discutidas acima tiveram implicações clínicas interessantes para o desenvolvimento de modelos de atendimento psicoterápicos que podem servir de referência para o trabalho psicanalítico de casos envolvidos com situações de violência. Destacam-se, em especial, o modelo da psicoterapia focada na transferência (Kernberg et al., 2008) e da psicoterapia baseada na mentalização (Eizirik & Fonagy, 2009).

A psicoterapia focada na transferência tem obtido bons resultados nos estudos randomizados nos casos de agressividade, suicídio, depressão, ansiedade (Silva, Yazigi & Fiore, 2008). A psicoterapia focada na transferência fundamenta-se na abordagem psicanalítica das relações de objeto, compreensão extensamente desenvolvida através dos trabalhos de Kernberg (Kernberg et al., 2008). Esta abordagem volta-se principalmente para o trabalho clínico, visando à integração dos aspectos polarizados das representações do *self* e dos demais, através de um *setting* mais estruturado e de intervenções baseadas na clarificação e confrontação e uma ênfase importante na vivência transferencial do aqui-e-agora da sessão terapêutica (Levy et al., 2006).

Deste modo, a estruturação do tratamento, a análise das dificuldades de forma clara e precisa e a compreensão da relação terapêutica que se estabelece na sessão, determinam uma abordagem mais organizada voltada para a integração das representações do objeto e do *self* de forma mais coesa. Além disto, a postura do terapeuta é mais ativa e conscientemente atenta ao paciente, criando um *setting* caracterizado por experiências de continência dos afetos (*holding*) que por si só exercem efeitos terapêuticos importantes. Por último, a interpretação é dirigida aos temas trazidos para a sessão, apontando as dificuldades do paciente em reconhecer os estados afetivos presentes nas situações.

Outro modelo é o desenvolvido por Fonagy (Eizirik & Fonagy, 2009), a psicoterapia baseada na mentalização, cujo foco é o desenvolvimento da capacidade de mentalização do paciente, a qual se dirige especialmente para o trabalho com indivíduos com personalidade borderline. O funcionamento borderline de personalidade pode ser entendido como a consequência de falha da mentalização e das capacidades associadas, tais como a representação, a regulação do afeto e o controle da atenção. Prevaecem, desta maneira, formas primitivas de subjetividade e uma desorganização profunda da estrutura do *self*. A fenomenologia do transtorno de personalidade borderline pode ser conceituada como a consequência de três aspectos: um estilo de apego associado à inibição da mentalização, a revivência de modos de experienciar a realidade interna anteriores ao desenvolvimento da capacidade de mentalização, e experiências de pressão constante para a utilização de defesas

de identificação projetiva do *self* destrutivo no outro. Nessa ótica, Eizirik e Fonagy (2009) consideram que a recuperação da mentalização no contexto das relações vinculares é um mecanismo básico de muitos tratamentos psicossociais para a desordem de personalidade borderline.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este artigo, destacando a importância do estudo aprofundado do comportamento violento sob a perspectiva psicanalítica. Observamos que a teoria psicanalítica pode oferecer subsídios importantes para uma adequada avaliação e conseqüentemente um planejamento interventivo, levando-se em conta as características intrapsíquicas de cada sujeito. Nesse sentido, destaca-se que, partindo de um modelo freudiano inicial sobre a agressão humana, autores como Kernberg e Fonagy ampliaram a compreensão dos diversos elementos envolvidos na violência e agressão, possibilitando um entendimento mais aprofundado e também uma intervenção mais sensível a esses casos.

Além disso, alguns estudos também têm apontado carências e necessidades importantes de ações dirigidas à melhoria das intervenções dirigidas aos casos de violência doméstica. Considerando que o atendimento ao agressor também é uma etapa necessária no combate à violência doméstica, principalmente levando em conta as relações familiares e especificamente o vínculo com os filhos, consideramos que esta revisão abre a possibilidade de novas pesquisas para a promoção de ações voltadas para a questão da violência, visando a qualificar o trabalho realizado e desenvolver ações de intervenção conjuntas e qualificadas que sustentem metas preventivas à violência.

REFERÊNCIAS

- Ainsworth, M. D. S. (1969). Object relations, dependency, and attachment: a theoretical review of the infant-mother relationship. *Child Development*, 40, 969-1025.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: a psychological study of the strange situation*. Hillsdale, New Jersey: Erlbaum.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss*. Vol 2. Separation, anxiety and anger. London: Hogarth Press.
- Bowlby, J. (1984). *Apego*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bowlby, J. (1990). *Apego e perda*. Vol I. Apego. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1969).
- Lei Maria da Penha*. Lei 11340/06 de 07 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Brasília, DF, 2006. Recuperado em 20 mar. 2011, de <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/95552/lei-maria-da-penha-lei-11340-06>.
- Costa, G. P., & Katz, G. (1992). *Dinâmica das relações conjugais*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cogan, R., & Porcerelli, J. H. (1996). Object relations in abusive partner relationships: An empirical investigation. *Journal of Personality Assessment*, 66, 106-115.
- Cogan, R., Porcerelli, J. H., & Dromgoole, K. (2001). Psychodynamics of partner, stranger, and generally violent male college students. *Psychoanalytic Psychology*, 18, 515-533.
- Critchfield, K. L., Levy, K. N., Clarkin, J. F., & Kernberg, O. F. (2008). The relational context of aggression in borderline personality disorder: using adult attachment style to predict forms of hostility. *Journal of Clinical Psychology*, 64(1), 67-82.
- Diamond, D. (2004). Attachment disorganization: the reunion of Attachment Theory and psychoanalysis. *Psychoanalytic Psychology*, 21, 276-299.
- Dutton, D., & Goland, S. (1997). *El golpeador. Un perfil psicológico*. Buenos Aires: Paidós.
- Dutton, D. (2002). Personality dynamics of intimate abusiveness. *Journal of Psychiatric Practice*, 8, 216-228.

- Eizirik, M., & Fonagy, P. (2009). Terapia de mentalização para pacientes com transtorno de personalidade borderline: uma atualização. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 31(1), 72-75.
- Femenia, A. M., & Guillén M. T. M. (2003). Violencia y familia. *Revista de Estudios de Juventud*, 62, 51-58.
- Ferenczi, S. (1992). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In A. Cabral (Trad.). *Obras completas*. (Vol. 4, pp. 97-108). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1933).
- Ferrari, I. F. (2006). Agressividade e violência. *Psicologia Clínica*, 18(2), 49-62.
- Fonagy, P. (1999). Male perpetrators of violence against women: an attachment theory perspective. *Journal of Applied Psychoanalytic Studies*, 1, 7-27.
- Fonagy, P., Target, M., & Gergely, G. (2000). Attachment and borderline personality Disorder. A theory and some evidence. *The psychiatric clinics of North America*, 23, 103-122.
- Fonagy, P., Gergely, G., Jurist, E., & Target, M. (2002). *Affect regulation, mentalization and the development of the self*. New York: Other Press.
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (Vol. 7, pp. 129-238). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905).
- Freud, S. (1976). Totem e tabu. In _____. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. (Vol. 13, pp.17-192). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1913).
- Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. In J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (Vol. 14, pp. 77-108). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).
- Freud, S. (1996). O instinto e suas vicissitudes. In J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (Vol. 14, pp. 137-168). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915).
- Freud, S. (1996). Uma criança é espancada. Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (Vol. 17, pp. 225-258). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1919).
- Freud, S. (1976). Além do princípio do prazer. In J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (Vol. 18, pp. 17-90). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920).
- Freud, S. (1976). O problema econômico do masoquismo. In J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (Vol. 19, pp. 199-216). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1924).

- Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. In J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (Vol. 21, pp. 81-178). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1930).
- Granja, E., & Medrado, B. (2009). Homens, violência de gênero e atenção integral em saúde. *Psicologia & Sociedade, 21*, 25-34.
- Hesse, E., & Main, M. (2000). Disorganized infant, child, and adult attachment: collapse in behavioral and attentional strategies. *Journal of the American Psychoanalytic Association, 48*, 1097-1127.
- Holtzworth-Munroe, A., & Meehan, J. C. (2004). Typologies of men who are maritally violent: scientific and clinical implications. *Journal of Interpersonal Violence, 19*, 1369-1389.
- Holtzworth-Munroe, A., & Stuart, G. L. (1994). Typologies of male batterers: Three subtypes and the differences among them. *Psychological Bulletin, 116*, 476-497.
- Kernberg, O. F. (1967). Borderline personality organization. *Journal of the American Psychoanalytic Association, 15*, 641-685.
- Kernberg, O. F. (1979). La transferencia y la contratransferencia en el tratamiento de pacientes fronterizos. In O. F. Kernberg (Org.), *La teoría de las relaciones objetales y el psicoanálisis clínico*. Buenos Aires: Paidós.
- Kernberg, O. F. (1995). *Agressão nos transtornos de personalidade e nas perversões*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Kernberg, O. (2002). Transference Focused Psychotherapy For Borderline Patients. Acessado em no site Psy Broadcasting Corporation. http://www.psybc.com/paper-info.php?paper_id=121
- Kernberg, O. F., Yeomans, F. E., Clarkin, J. F., & Levy, K. N. (2008). Transference focused psychotherapy. *Overview and Update International Journal Psychoanalysis, 8*, 601-620.
- Kernberg, O. F., & Michels, R. (2009). Borderline personality disorder. *American Psychiatric Association, 166*, 505-508.
- Kishor, S. (2005). The heavy burden of a silent scourge: domestic violence. *Revista Panamericana de Salud Pública, 17*, 77-78.
- Klein, M. (1969). *Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1932).
- Kronbauer, J. F. D., & Meneghel, S. N. (2005). Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro. *Revista de Saúde Pública, 39*(5), 695-701.
- Lamanno-Adamo, V. L. C. (1999). Violência doméstica: Uma contribuição da psicanálise. *Ciências & Saúde Coletiva, 4*, 159-159.

- Levy, K. N., Clarkin, J. F., Yeomans, F. E., Scott, L., Wasserman, R., & Kernberg, O. F. (2006). The mechanisms of change in the treatment of borderline personality disorder with transference focused psychotherapy. *Journal of Clinical Psychology, 62*, 481-501.
- Maciel, R. A., & Rosemburg, C. P. (2006). A relação mãe-bebê e a estruturação da personalidade. *Saúde e Sociedade, 15*(2), 96-112.
- Main, M., & Solomon, J. (1990). Procedures for identifying infants as disorganized/disoriented during the Ainsworth Strange Situation. In M. T. Greenberg, D. Cicchetti & E. M. Cummings (Orgs.), *Attachment in the preschool years*. (pp. 121-160). Chicago: University of Chicago Press.
- Moore, B. E., & Fine, B. D. (1990). Psychoanalytic terms and concepts. *The American Psychoanalytic Association and Yale University Press*. New Haven.
- Nigg, J. T., Silk, K. R., Westen, D., Lohr, N. E., Gold, L. J., Goodrich, S., & Ogata, S. (1991). Object representations in the early memories of sexually abused borderline patients. *The American Journal of Psychiatry, 148*, 864-869.
- Padovani, R. C., & Williams, L. C. A. (2002). Intervenção psicoterapêutica com agressor conjugal: um estudo de caso. *Psicologia em Estudo, 7*(2), 13-17.
- Porto, J. R. R., & Luz, A. M. H. (2004). Matizes da violência contra a mulher: conhecendo o fenômeno. *Revista Gaúcha de Enfermagem, 2*(2), 207-18.
- Saffioti, H. I. B. (2001). Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu, 16*, 115-136.
- Saffioti, H. I. B. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. (Coleção Brasil Urgente). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Schmidt-Hellerau, C. (2002). Why aggression? Metapsychological, clinical and technical considerations. *The International Journal of Psychoanalysis, 83*(6), 1269-1289.
- Silva, J. F. R., Yazigi, L., & Fiore, M. L. M. (2008). Psicanálise e universidade: a interface possível por meio da pesquisa psicanalítica clínica. Alice quebra-vidros. *Revista Brasileira de Psiquiatria, 30*(2), 152-155.
- Winnicott, D. (1999). *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1967).
- Zosky, D. L. (1999). The application of object relations. Theory to domestic violence. *Clinical Social Work Journal, 27*(1), 55-69.

SEÇÃO II – ARTIGO EMPÍRICO

**VIOLÊNCIA CONJUGAL: ESTUDO DAS CARACTERÍSTICAS DAS
RELAÇÕES OBJETAIS EM HOMENS AGRESSORES**

RESUMO

Este artigo apresenta a pesquisa desenvolvida sobre os processos psíquicos de homens agressores, tendo como referência a teoria psicanalítica das relações objetais. Assim, o objetivo do trabalho foi identificar as características das relações objetais em homens envolvidos com violência conjugal. Participaram 15 homens envolvidos em processos judiciais em casos de violência contra a parceira (Lei Maria da Penha). O estudo foi realizado em um Fórum de uma cidade da Região Metropolitana de Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul. Foram utilizados, como instrumentos uma entrevista, a ficha de dados sociodemográficos e o inventário BORRTI-O, que serve para mensurar as relações objetais. Os resultados apontaram a presença de relações objetais deficitárias, especialmente na escala egocentrismo. Em suma, a prevalência de características egocêntricas indica dificuldades sérias nas relações interpessoais e utilização de manipulação para atender às necessidades de gratificação. Essas características devem ser consideradas na implantação de programas de intervenção.

Palavras-chave: Relações objetais; violência conjugal; agressores; psicanálise.

ABSTRACT

This article presents the study about psych process in men who batter, taking as a reference psychoanalytic theory from an object relation perspective. This way, the objective of the study was to identify object relations characteristics in males involved in couples' violence. Fifteen men participated in the study who were involved in juridic processes related to violent assault against their partners. The study was conducted in the forum of a city in the metropolitan area of Porto Alegre, Rio Grande do Sul. The instruments used were an interview, a sociodemographic data sheet and the inventory BORRTI-O, used to measure the object relations. The results indicated the presence of object relation deficits, especially in the egocentric scale. In sum, the prevalence of egocentric characteristics indicates serious

difficulties in personal relationships and the use of manipulative tactics to guarantee satisfaction. These characteristics should be consider when developing intervention programs.

Keywords : Object relations ; partner violence ; offending; psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

A violência conjugal tem se destacado nas últimas décadas como um tópico importante, associado tanto ao interesse em aprofundar a compreensão dos diversos fatores envolvidos nos atos violentos como à necessidade de desenvolver e implantar serviços de atendimento às vítimas. Observa-se, porém, que a grande maioria dos trabalhos volta-se para questões relativas às vítimas e, em menor número, ao agressor (Padovani & Williams, 2002).

Apesar da menor abordagem dos estudos em relação às questões envolvendo o agressor conjugal, algumas pesquisas nacionais (Padovani, Cortez & Williams, 2005; Dossi, Saliba, Garbin, & Garbin, 2008; Deeke, Boing, Oliveira, & Coelho, 2009) e internacionais (Dutton & Landolt, 1997; Dutton & Golland, 1997) têm se dedicado à análise das características gerais do agressor, bem como dos aspectos mais profundos relativos à personalidade e aos fatores determinantes de manifestações violentas.

Holtzworth-Munroe e Meehan (2004) indicam que dois tipos ou níveis de violência nas relações familiares existem, um deles ligado a características específicas anti-sociais do agressor e outro a aspectos de personalidade borderline. Dutton (2002) considera que estes agressores apresentam manifestações de *organizações de personalidade borderline* em uma posição oposta ao transtorno de personalidade borderline, o qual se refere a uma manifestação mais grave, situando-se em um extremo das organizações borderlines (Kernberg, 1995).

Entende-se que, indivíduos violentos apresentam uma organização psicológica borderline associada a tendências paranóicas, ao enfraquecimento das fronteiras do ego, a uma capacidade limitada de auto-reflexão ou de contextualização da experiência, à desregulação afetiva e a uma tendência de pensamento concreto (Caligor, Diamond, Yeomans & Kernberg, 2009). Essas características organizam-se em função de experiências primárias pouco empáticas, de cuidado inadequado, e até mesmo associadas às vivências de violência com as figuras cuidadoras, gerando representações patológicas de si e dos demais (Zosky, 1999).

Desta maneira, as organizações de personalidade borderline constituem-se como uma categoria clínica caracterizada por relações interpessoais instáveis, um sentido de *self* também instável, raiva intensa e impulsividade, base para os atos violentos. Dutton (2007) identificou que atributos da organização borderline, tais como raiva, apego ansioso, sintomas crônicos de trauma e também representação de rejeição paterna eram características comuns a homens

agressores. Além disso, a origem dos comportamentos violentos foi associada a vivências abusivas durante a infância, apontando para a importância das experiências relacionais primitivas.

Nesse sentido, alguns modelos teóricos psicanalíticos têm auxiliado na compreensão dos processos relacionais envolvidos nas situações de violência, principalmente apontando o papel das características dos vínculos estabelecidos nos relacionamentos primitivos com as figuras parentais, bem como as características das representações objetais sob o vértice da organização borderline. Segundo Bruscato (1998), as relações objetais estabelecidas com os objetos primários organizam as representações internas de si mesmo e do outro. Essas representações, por sua vez, estabelecem a forma contemporânea das relações interpessoais.

Assim, considerando as questões discutidas acerca das características do agressor conjugal, especificamente em relação aos aspectos intrínsecos associados às representações internas objetais, este estudo volta-se para o interesse em aprofundar o conhecimento sobre os processos psíquicos de homens agressores. Portanto, tendo como referência a teoria psicanalítica das relações objetais, este trabalho tem como objetivo identificar as características das relações objetais em homens envolvidos com violência conjugal. Nesse caso, violência entre cônjuges, no relacionamento de namoro, casamento formalizado ou não (Saffioti, 2004).

2 MÉTODO

Este estudo foi desenvolvido através de um delineamento quantitativo exploratório (Goldim, 2000), visando identificar as características das relações objetivas de homens agressores. Participaram da pesquisa, quinze homens, maiores de 18 anos, com escolaridade mínima de ensino fundamental e que estavam envolvidos em situações de violência doméstica contra a companheira. Os participantes foram selecionados no Fórum Municipal de uma cidade da Região Metropolitana de Porto Alegre, em um período de seis meses, entre maio e outubro de 2010. Dentre os mais de cem casos que chegaram ao Fórum, foram escolhidos os casos relativos à violência conjugal, sendo excluídos aqueles que envolviam violência em outras situações e uso crônico de drogas.

2.1 PROCEDIMENTOS

Depois de realizado contato com a Juíza Pretora do Município, responsável pelos casos de homens envolvidos com a violência contra a companheira (Lei Maria da Penha), a coleta de dados foi iniciada e ocorreu durante um período de seis meses, nos dias de audiência. Os casos que correspondiam a violência conjugal e os homens eram maiores de 18 anos com escolaridade de ensino fundamental, eram convidados a participar do estudo. Todos os convidados aceitaram participar da pesquisa. Vale ressaltar que a coleta foi realizada em ambiente judicial, no momento do término da audiência.

Dos mais de cem casos que chegaram ao Fórum, muitos foram excluídos em função da baixa escolaridade, ausência do agressor, uso crônico de drogas e a não caracterização do envolvimento conjugal. Assim, aqueles homens que aceitavam participar da pesquisa eram encaminhados a uma sala reservada, quando eram apresentados os objetivos da pesquisa, e realizada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A). O processo de coleta de dados incluía a realização de uma entrevista e a aplicação dos instrumentos: ficha de dados sociodemográficos (Anexo A) e BORTTI-O (Anexos B e C).

2.2 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e teve sua aprovação no dia 26 de maio de 2010, sob o número

do processo: CEP10/040 (Apêndice B). Em caso de necessidade, foram oferecidos encaminhamentos à rede pública de saúde do Município.

2.3 INSTRUMENTOS

Ficha de Dados Sociodemográficos: Compreende questões referentes à idade, naturalidade, grau de escolaridade, composição familiar, estado civil, emprego atual e profissão. Em relação ao envolvimento com violência, foram incluídos itens referentes aos episódios de violência, às características da relação com a vítima, à motivação para o ato violento e à presença de violência na história passada.

Entrevista: As entrevistas foram abertas, procurou-se esclarecer as informações contidas na ficha de dados sociodemográficos e acrescentar elementos que auxiliassem na compreensão dos aspectos intrapsíquicos dos participantes.

BORRTI-O (Bell Object Relations and Reality Testing Inventory Form O) (Bell, Billington & Becker, 1986, citados por Bruscato & Iacoponi, 2000; Bruscato, 1998): É um instrumento que objetiva avaliar relações objetais. Ele está alicerçado em pressupostos psicanalíticos e em recursos das avaliações psicológicas empíricas atuais. Constitui-se de um inventário auto-administrável, com 45 declarações descritivas que o sujeito marca como “verdadeiro” ou “falso”, de acordo com suas experiências mais recentes. O instrumento oferece quatro tipos de resultados ou de fatores interpretativos, os quais demarcam quatro modos de relação objetal internalizada, além de um resultado numérico. Estes fatores são: alienação, vinculação insegura, egocentrismo e incapacidade social.

A *escala de alienação* tem como objetivo aferir a capacidade do sujeito em estabelecer confiança básica e em conseguir relacionamentos estáveis e satisfatórios. A *escala de vinculação insegura* diz respeito à sensibilidade à rejeição, ao desejo de estar próximo e à capacidade de suportar perdas; inabilidade para conseguir proximidade, sentimentos de culpa, preocupação e ciúme, levando a vínculos intensamente sadomasoquistas. A *escala de egocentrismo* afere a disposição para não confiar na motivação do outro, a manipular o outro para seus próprios objetivos, perceber os outros como se existissem somente em relação a si mesmos. A *escala de incapacidade social* mede timidez, nervosismo, a falta de habilidade para as amizades, dúvida em como agir com a pessoa do sexo oposto e experiência pessoal de inaptidão social. A correção do instrumento é dada através de um *software* específico, que proporciona os valores brutos, e depois são transformados para escores *t* contínuos, de acordo

com a folha de pontuação para elaboração do perfil (Bruscato, 1998). São considerados resultados de patologia nas relações quando a resposta pontua 60% ou mais no item.

O BORRTI-O é um instrumento novo; entretanto, os estudos de validade demonstram até o momento que sua utilização é bastante promissora, tendo sido empregado nos Estados Unidos em numerosos estudos que exploram as suas propriedades psicométricas, utilizando amostras não psiquiátricas e também grupos psiquiátricos. No Brasil, o instrumento foi utilizado em alguns estudos (Bruscato & Iacoponi, 2000; Zogbi, 2007). Ele foi traduzido e validado por Bruscato (1998). Neste estudo de validação da escala para o Brasil, foram identificados bons resultados de validade e confiabilidade, tais como correlações satisfatórias dos escores em comparação às versões em inglês do BORRTI-O (0,62 para alienação, 0,82 para vinculação insegura, 0,83 para egocentrismo e 0,78 para incapacidade social). Quanto aos escores de confiabilidade, os valores do *alpha de Cronbach* para todos os itens foram de 0,59 e confiabilidade *split-half Spearmanbrown* de 0,63, apontando para valores regulares.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

As informações obtidas através da ficha de dados sociodemográficos para fins de descrição da amostra foram agrupadas em percentuais, de acordo com cada item: idade, escolaridade, relacionamento com a parceira, situação empregatícia, na Tabela 1.

Tabela 1 – Dados sociodemográficos: idade, relação com a vítima, escolaridade, situação empregatícia, experiências pessoais de violência.

Idade	N(%)
26 a 45 anos	12 (80%)
46 a 65 anos	3 (20%)
Escolaridade	
Ensino Fundamental	5 (33,3%)
Ensino Médio	6 (40 %)
Ensino Superior	4 (26,7%)
Tipo de relação com a vítima na época do ato	
Companheira	6 (40%)
Ex-esposa	2 (13,3%)
Esposa	2 (13,3%)
Relação eventual	2 (13,3%)
Namorados	3 (20%)
Atividade laboral	
Empregado	13 (86,6%)
Desempregado	2 (13,3%)
Delito	
Ameaças	9 (60%)
Agressão física	4 (26,7%)
Agressão sexual	2 (13,3%)
Experiências família de origem (Violência)	
Sim	5 (33,3%)
Não	10 (66,6%)

Do total de 15 homens avaliados e envolvidos com a Lei Maria da Penha, verificou-se que o maior percentual de agressores possui idade ente 26 e 45 anos, indicando que são homens jovens, cujo ato violento é direcionado à companheira.

Em relação ao tipo de delito, o percentual maior da amostra, foram de ameaças, seguida por agressões físicas e o percentual menor de agressões sexuais. No que se refere ao tipo de relação mantida com a vítima na época do fato, encontrou-se 13,3% (N=2) casados, 13,3% (N=2) separados, companheiros 40% (N=6), relação eventuais 13,3% (N=2) e namorados 20% (N=3). Do total da amostra, apenas 13,3 % (N=2) dos participantes estavam desempregados na época do fato, demonstrando que nesta amostra, o desemprego não é fator relevante como desencadeante de violência.

No que se refere à presença de violência na infância, 66,6% (N=10) dos participantes responderam a esta questão na ficha de dados sociodemográficos como não tendo episódios de violência em suas histórias de vida. Entretanto, no momento da entrevista, ao relatarem suas experiências de vida, 60% (N=9) lembravam de episódios de violência entre os pais e violência psicológica infligida por um dos genitores.

Tabela 2 – Resultados sobre as características das relações objetais da amostra avaliadas através do BORRTI-O (N=15)

Alienação	N	%
Com patologia nas relações	3 (20%)	
Sem patologia nas relações	12 (80%)	
Vinculação insegura		
Com patologia nas relações	3 (20%)	
Sem patologia nas relações	12 (80%)	
Egocentrismo		
Com patologia nas relações	11 (73,3%)	
Sem patologia nas relações	4 (26,6%)	
Incapacidade social		
Com patologia nas relações	4 (26,6%)	
Sem patologia nas relações	11 (73,3%)	
Relações Objetais		
Patológicas	11 (73,3%)	
Não Patológicas	4 (26,6%)	

A tabela acima apresenta os resultados do instrumento BORRTI-O. Verificou-se que 73% (N=11) dos participantes, apresentaram relações objetais patológicas, sendo que prevaleceram escores patológicos na escala de egocentrismo. Além disso, desses 11 casos, 20% (N=3) também tiveram escores patológicos na escala de alienação e na escala de vinculação insegura. Por último, na escala de incapacidade social, 26% (N=4) dos participantes apresentaram escores patológicos.

Nas entrevistas realizadas, foi apontada a presença de violência durante o período da infância, o que difere dos resultados obtidos na ficha de dados sociodemográficos, havendo uma inversão na quantidade de participantes que referem na entrevista a existência de violência na infância. Além disto, durante as falas, chama a atenção o fato de cinco (33,3%) dos participantes terem se envolvido com pessoas que moravam na vizinhança, sendo que dois deles tiveram dificuldade para caracterizar o vínculo com a mulher. A maioria dos homens mostrava-se muito nervoso, sempre na tentativa de se justificar; alguns diziam que nem sabiam o motivo de estarem ali.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Primeiramente, é importante mencionar alguns aspectos do presente trabalho, relativos ao grupo de homens investigados. Uma questão significativa refere-se à dificuldade de investigar sujeitos envolvidos com questões da lei, neste caso homens agressores de suas parceiras. Conforme Cortez e Souza (2010), as dificuldades de trabalhar com esses grupos incluem desde a recusa na participação em trabalhos de pesquisa, até a resistência de estabelecimento de um vínculo entrevistador-entrevistado. Daí, pode-se deduzir o menor número de trabalhos dirigidos para o tema. Em decorrência dessa característica, delinea-se outra questão desta investigação que se refere ao tamanho limitado da amostra. Todavia, mesmo considerando essas questões, o grupo aqui investigado apresentou características importantes que merecem discussão e podem trazer contribuições para trabalhos na área.

Em relação aos dados sociodemográficos, algumas das características identificadas são semelhantes a estudos nacionais sobre homens agressores. No estudo de Dossi et al. (2008), das 7.750 ocorrências de agressões registradas em Araçatuba, São Paulo, 1.844 estavam relacionadas à agressão física intrafamiliar, sendo que 81,1% envolviam parceiros íntimos. A prevalência maior nessas agressões foi de homens com idade entre 20-34 anos, solteiros, sendo o ciúme a causa mais identificada dos episódios. Já Deeke et al. (2009), em um estudo com 30 casais envolvidos com agressão na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, encontraram que a média de idade dos homens agressores foi em torno de 40 anos. Já a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (2011) aponta para o dado de que 73,4% dos homens agressores estão entre 20 e 45 anos.

No presente trabalho, ainda que a média de idade do grupo tenha sido também de 40 anos, cabe apontar que 80% dos casos estavam na faixa entre 26 a 45 anos de idade, indicando que a violência conjugal ocorre entre grupos etários jovens. Chama a atenção também que a maioria dos homens ou eram cônjuges ou ex-cônjuges, namorados e companheiros da vítima, e apresentavam uma ocupação laboral estável. Da mesma forma, 60% dos homens tinham nível médio ou superior de ensino, o que vai de encontro aos resultados de outros trabalhos (Garcia et al., 2008), confirmando os dados da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, que apresenta o dado de 55,3% dos agressores possuírem o ensino fundamental como escolaridade, indicando que a violência está presente em todos os níveis de escolaridade. Os participantes possuíam atividade laboral no momento da agressão, o que leva

a afirmar que, nesta amostra, o fator desemprego não é fator desencadeante, pois somente dois homens (13,3%) estavam sem trabalho.

Já quanto ao tipo de delito, encontramos ameaças, agressão física e agressão sexual, sendo que as ameaças variavam desde promessas de morte, de bater ou de retirar os filhos, até atear fogo na casa da vítima. Este foi o delito que teve maior número de ocorrências, seguido de agressões físicas, nas quais as vítimas apresentavam lesões leves, como tapas ou puxões de cabelo, até lesões graves, como a perda de dente por soco e lesão por arma de fogo. O último tipo de delito apresentado foi a agressão sexual, registrado por duas vítimas – uma delas a esposa e a outra ex-namorada. Assim, é possível perceber que a ameaça é o delito mais registrado pelas mulheres.

No que se refere aos dados obtidos através das entrevistas, uma das questões levantadas é a tentativa de se justificar diante do fato ocorrido, o que pode estar associado aos temas do fator, principalmente no que diz respeito à atitude autoprotetora, tentando explicar ou até mesmo dizendo que não sabiam o motivo de estarem ali. Além disto, os participantes mencionaram fatos importantes em suas histórias de vida, tais como brigas entre os genitores, uso de álcool e vitimização por violência emocional. Entretanto, estes dados são contraditórios, pois, na ficha de dados sociodemográficos, essas informações não são mencionadas, o que leva a pensar que os sujeitos associam a ideia de violência somente à agressão física. Por outro lado, quando questionados sobre suas histórias pregressas, identificam a presença de outros tipos de violência, além da física. Assim, dos 15 participantes, somente 33,3% (N=5) referem não ter tido experiências anteriores de violência.

Outro aspecto mencionado durante as entrevistas, foi o uso de álcool por um dos genitores, o que, segundo os participantes, era o *estopim* das brigas, assim como o ciúme como fator desencadeante das agressões. Hermann (2000) afirma que alguns destes fatores podem ser considerados facilitadores da violência, tais como o uso do álcool, drogas, e desemprego. Todavia, Werlang, Sá e Borges (2009) destacam que a aproximação ao problema da violência deve partir de uma perspectiva multicausal, não podendo ser explicada através de um único fator.

Além destes fatores, na década de 80, estudos como os de Carmen, Reiker, & Mills (1984) e Walker (1984) já apontavam a relação entre experiência de violência na infância e comportamento adulto violento. Estes autores afirmam que homens violentos que foram testemunhas de violência entre os pais, ou foram vítimas de agressões, quando crianças, se tornam adultos que apresentam dificuldades em se transformar em indivíduos saudáveis, e

demonstraram comportamento agressivo com suas parceiras. Sugerem, ainda, que essas crianças têm maior probabilidade de se identificar com o agressor original e perpetuar a agressão com seu cônjuge e filhos. Assim, confirma-se a importância do trabalho dirigido às situações de violência doméstica em função da possibilidade de perpetuação dos modelos interativos na esfera familiar.

Considerando o propósito principal do presente estudo de investigar aspectos intrapsíquicos de homens agressores, e identificando as representações das relações objetais através dos resultados do inventário BORRTI-O, verificou-se que a maioria dos casos apresentava patologia em suas relações objetais. Isto é, considerando a avaliação da capacidade dos sujeitos em estabelecer confiança básica e relacionamentos estáveis (*escala de alienação*), a sensibilidade à rejeição e a perdas (*escala de vinculação insegura*), a capacidade de confiar ou manipular os outros (*escala de egocentrismo*) e experiência pessoal de inaptidão social (*escala de incapacidade social*), identificaram-se falhas importantes nessas dimensões. Assim, a maioria dos participantes apresentou escores que apontaram para relações objetais deficitárias, especialmente na escala egocentrismo.

O fator egocentrismo é composto pelos seguintes temas: os outros existem apenas com relação a si mesmo; os outros podem ser manipulados para objetivos próprio, atitude autoprotetora e explorador, intrusividade, coerção e exigência, crença em que a cooperação para objetivos comuns é impossível, porque cada um só pensa em si mesmo e alguém tentará humilhar e derrotar qualquer outro, se tiver a oportunidade, ver a si mesmo alternadamente ou como onipotente ou como impotente e sob o controle de alguma força invencível.

Assim, tendo-se em vista que o fator egocentrismo foi o mais pontuado, Morrell, Mendel e Fischer (2001) fazem referência a falhas nas relações objetais, as quais são identificadas como preditoras de distúrbios em relacionamentos posteriores. Igualmente para Bell (1995), os indivíduos com falhas ou distorções na dimensão egocentrismo não apresentam consciência real ou preocupação verdadeira com os sentimentos dos outros. Sua capacidade de empatia é limitada, o que fica mais evidente quando não demonstram preocupação com a companheira, ou mesmo com os filhos, no momento em que usam o dinheiro, deixando a família em dificuldades financeiras e afetivas. Além disto, costumam ser manipuladores e controladores, conduta que apresentam no momento da audiência e da entrevista, quando, de alguma forma, apresentam um discurso em que aparecem como vítimas na situação.

O egocentrismo relaciona-se com uma limitação importante na capacidade de estabelecimento de relacionamentos interpessoais. Por exemplo, no estudo realizado por Kelsey, Ornduff, Reiff e Arthur (2002) com 50 mulheres para identificar características de personalidade narcisista e reação de enfrentamento ao estresse através do BORTTI, as escalas de alienação e egocentrismo foram utilizadas para avaliar esses aspectos narcisistas. Considerou-se que alta pontuação na escala egocentrismo sugere um indivíduo egoísta, que apresenta atitudes de exploração, manipulação e autoproteção em relacionamentos, falta de consciência ou preocupação com os sentimentos dos outros, além de uma desconfiança em relação aos motivos dos outros. Nesse trabalho, os autores identificaram que escores altos em egocentrismo associavam-se à hiperreatividade, e altos escores em alienação referiam-se à hipoatividade, frente ao estresse. Portanto, indivíduos egocêntricos são extremamente sensíveis a situações que lhes provoquem estresse, pois não toleram frustrações.

Na metapsicologia psicanalítica, o narcisismo é descrito por Freud (1914/1996) como uma fase estrutural no desenvolvimento do indivíduo, quando ocorre a constituição do ego como uma unidade diferenciada. Logo, o narcisismo, como etapa evolutiva, não é, necessariamente, um aspecto patológico do desenvolvimento. Ao contrário, é o momento em que o bebê investe a libido em si próprio, enquanto objeto sexual. Este investimento ocorre através dos primeiros cuidados que recebe da mãe ou de um cuidador, por intermédio da identificação com o outro e do investimento sobre si mesmo de toda a libido que a mãe ou o cuidador direcionaram a ele.

No entanto, se ocorrerem faltas ou excessos de investimento pulsional, bloqueando a formação desta base narcísica, poderão ocorrer dificuldades no desenvolvimento da independência relacionada ao outro. Nesse sentido, ao se analisar a história de vida dos homens investigados nesse estudo, as entrevistas indicaram que 60% dos participantes vivenciaram algum tipo de violência na infância, desde brigas dos pais, até o rompimento de vínculos precoces.

Portanto, mesmo que, neste trabalho, a análise do funcionamento psíquico tenha se limitado às características das relações objetais de homens agressores, os resultados encontrados, principalmente levando em conta a grande frequência de características egocêntricas, permitem levantar possíveis hipóteses acerca das experiências primárias e da organização de personalidade. Neste sentido, quando as crianças experienciaram qualquer tipo de violência na infância, as representações derivadas destas vivências podem ter bases

negativas internalizadas, continuando a causar distorções nas relações de adultos, percebida subjetivamente de acordo com o modelo interno anterior negativo (Zorski, 1999).

Além destes aspectos, através das entrevistas, os participantes demonstraram grande dificuldade no reconhecimento do ato violento, delegando a responsabilidade pela agressão à mulher. Estes aspectos ficam mais claros, quando eles verbalizavam que a mulher provocava, agredia primeiro, ou então, mesmo a mulher apresentando lesões corporais, negavam terem sido eles os agressores. Logo, a capacidade de julgamento da realidade encontra-se prejudicada, havendo dificuldade de aceitação da autoria do ato violento, o que pode indicar a utilização do mecanismo da identificação projetiva (Klein, 1932/1969). Neste sentido, o funcionamento mental descrito através do mecanismo de identificação projetiva pode ajudar a explicar os sentimentos de posse, poder, controle do objeto, acompanhado de fantasias agressivas, que explicam a violência e a crueldade, cuja função é proteger o ego contra o insuportável conflito entre amor e ódio.

Assim, os estados afetivos são resultados dos déficits que aconteceram na infância e que, na relação conjugal, se reatualizam (Andrade, 1980). Nesta perspectiva, a violência acontece pelo medo da separação e da perda do objeto de amor, suscitando no agressor o impulso pela busca do poder como garantia contra o sentimento de dor pela separação do objeto.

Em relação à estrutura de homens violentos, Kernberg (1995) identifica uma fragilidade egóica, como a falta de tolerância à angústia, controle pulsional, desenvolvimento da sublimação, assim como uma volta ao processo de pensamento primário. Além disso, manifestam-se defesas ligadas à dificuldade em aceitar ser um agressor, utilizando-se da clivagem, recusa, identificação projetiva, idealização primitiva, onipotência e desvalorização. Quanto às identificações, elas são superficiais, contraditórias, clivadas (bom/mau), assim como as representações de objeto continuam cindidas. Todas essas características relacionam-se ao funcionamento borderline, confirmando os estudos de Dutton (2002), nos quais ele associa a personalidade abusiva com a organização de personalidade borderline.

No psiquismo do indivíduo borderline, segundo Kernberg (1979a), existiriam sistemas de identificação responsáveis pela existência de dois níveis de organização do ego: um nível de organização egóica seria resultado do processo de internalização das relações de objeto, e o outro seria resultado da imagem de si mesmo ligada a estas mesmas relações, ambos estabelecidos por sobre configurações primárias da relação *self*-objeto. Estes dois níveis de organização egóica permanecem de forma não metabolizada no psiquismo, constituindo um

ego frágil e uma insuficiência psíquica para integrar experiências primitivas diferentes, boas e más (Kernberg, 1967).

A fragilidade do ego torna o indivíduo deficitário em sua capacidade de tolerar frustrações, e é necessário lançar mão de defesas contra a inveja e raiva. Kernberg (1979b) sugere, então, a grandiosidade narcisista como um modo de proteção contra esta fragilidade egóica. Esta grandiosidade narcísica, enquanto defesa, é um alto preditor de agressividade em resposta a insultos ou outros fatores estressantes (Bodadilla, 2008).

Portanto, são evidentes a relevância e o aprofundamento da pesquisa sobre o tema das relações objetais em associação ao desenvolvimento de patologias, principalmente no que se refere à compreensão das singularidades das manifestações e dos arranjos do funcionamento psíquico de indivíduos violentos. Isto porque, para o adequado planejamento do tratamento do indivíduo, é importante reconhecer as distintas manifestações clínicas. Nesse sentido, Holtzworth-Munroe e Meehan (2004) destacam que este conhecimento auxilia na identificação dos casos e do planejamento da intervenção. Ressaltam, entretanto, a necessidade de se investigar também o contexto social e cultural amplo de inserção familiar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agressão é uma dos mais complexos e importantes fenômenos do comportamento humano. Compreender sua origem é crucial para o desenvolvimento e para a evolução do tratamento de pacientes. Até o momento, além de haver poucos estudos sobre intervenções clínicas dirigidas a homens violentos, esses são tratados de forma indiferenciada, sem ser levado em consideração o tipo de patologia de que o indivíduo é portador.

Diferentes aspectos patológicos estão envolvidos na personalidade violenta, apontando características de funcionamento psíquico particular a cada caso, principalmente, a avaliação necessária para o encaminhamento e o atendimento psicoterápico, levando em conta as características psicológicas que certamente vão interferir na adesão terapêutica, na aliança de trabalho e no próprio prognóstico do caso.

Neste sentido, observa-se que a contribuição psicanalítica tem se orientado para o trabalho clínico, principalmente considerando os aspectos estruturais da personalidade, localizando padrões agressivos de interação nas situações de funcionamento limítrofe ou borderline. Além destas contribuições, para a melhoria do atendimento de tais patologias, torna-se necessária a compreensão mais aprofundada dos aspectos intrínsecos dos vínculos na violência conjugal. Na medida em que esse entendimento ocorre, novas possibilidades acontecem no sentido de criação de intervenções psicoterapêuticas adequadas, surgindo aspectos a serem ponderados no planejamento de um tratamento. Assim, as avaliações clínicas dos indivíduos fornecem subsídios importantes na recomendação do tratamento e informações prognósticas.

Portanto, para conhecer as características intrapsíquicas e o funcionamento mental do indivíduo violento, segundo Fonagy (2003), é fundamental entrar no mundo subjetivo da pessoa violenta, não apenas no sentido de ser capaz de oferecer o tratamento, mas para antecipar a natureza dos riscos que estes representam tanto para si quanto para sua parceira. Compreender para explicar, esse é o primeiro passo no sentido de prevenir a violência. Realizar uma pesquisa teórico-clínica de forma aprofundada foi muito enriquecedor, pois constituiu um processo de extensa dedicação e disciplina.

PALAVRAS FINAIS

A partir da literatura existente e dos estudos empíricos com agressores, a perspectiva da pesquisa foi sendo ampliada, e foi percebido o déficit de pesquisas sobre homens agressores, em especial sob a perspectiva psicanalítica. Assim, torna-se necessário o aumento de estudos baseados no referencial psicanalítico e, para isso, novas investigações acerca das questões relacionadas à violência conjugal e aos problemas associados necessitam de atenção e pesquisa.

Olhar para o agressor na tentativa de compreender sua subjetividade de modo geral pode gerar repúdio e ansiedade, pois há uma tendência a uma maior atenção à vítima, considerando seu sofrimento, sem levar em conta que o agressor também manifesta uma dor psíquica, e que, mesmo cumprindo uma pena que lhe é imputada pela lei, mais tarde, ele poderá constituir um novo relacionamento e repetir a violência.

A partir desta pesquisa, um novo projeto vinculado ao CNPq e à Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres do Governo Federal está sendo desenvolvido. Assim, novas possibilidades de ampliação dos estudos na área da violência com as bases teóricas da psicanálise estão sendo realizadas, uma vez que tal fenômeno, já estudado por Freud, ainda hoje suscita muitos questionamentos. Desta maneira, espera-se poder contribuir para novas pesquisas, bem como para a implementação e criação de políticas públicas no sentido da prevenção à violência no âmbito das relações íntimas.

REFERÊNCIAS

- Andrade, V. M. (1980). Nascimento, violência e poder: um estudo da ação antinarcísica da identificação projetiva como equivalente metapsicológico da agressividade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 4, 415-432.
- Bowlby, J. (1984). *Apego*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bell, M. D. (1995). *Bell Object Relations and Reality Testing Inventory (BORRTI)*. Los Angeles: Western Psychological Services.
- Bodadilla, L. (2008). *Carving narcissism at its joints: A study of narcissism subtypes and their relation to psychopathy*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia. Florida State University, Estados Unidos da América.
- Bruscato, W. (1998). *Tradução, validade e confiabilidade de um inventário de avaliação de relações objetais (BORRTI-Forma O)*. Dissertação de Mestrado, Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Bruscato, W., & Iaconi, E. (2000). Validade e confiabilidade da versão brasileira de um inventário de avaliação de relações objetais. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 22, 172-177.
- Caligor, E., Diamond, D., Yeomans, F. E., & Kernberg, O. F. (2009). The interpretive process in the psychoanalytic psychotherapy of borderline personality pathology. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 57, 271-301.
- Carmen, E. H., Reiker, P. P., & Mills, T. (1984). Victims of violence and psychiatric illness. *American Journal of Psychiatry*, 141, 378-379.
- Cortez, M. B. & Souza, L. (2010). Relatos de pesquisa conjugal na perspectiva de homens denunciados por suas parceiras. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62, 129-142.
- Deeke, L. P., Boing, A. F., Oliveira, W. F., & Coelho, E. B. S. (2009). A dinâmica da violência doméstica: uma análise a partir dos discursos da mulher agredida e de seu parceiro. *Saúde e Sociedade*, 18(2), 248-258.
- Dossi, A. P., Saliba, O., Garbin, C. A. S., Garbin, A. J. I. (2008). Perfil epidemiológico da violência física intrafamiliar: agressões denunciadas em um município do Estado de São Paulo, Brasil, entre 2001 e 2005. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(8), 1939-1952.
- Dutton, D., & Landolt, M. A. (1997). Power and personality: An analysis of gay male intimate abuse. *Sex Roles*, 37(3), 35-58.
- Dutton, D., & Golland, S. (1997). *El golpeador. Un perfil psicológico*. Buenos Aires: Paidós.
- Dutton, D. (2002). Personality dynamics of intimate abusiveness. *Journal of Psychiatric Practice*, 4, 216-228.

- Dutton, D. (2007). Blended Behavior Therapy for Intimate Violence. In A. Baldry (Ed.), *Assessing risk of violence in intimate relationship. A cross cultural perspective*. New York: Nova Press.
- Fonagy, P., Target, M., & Gergely, G. (2000). Attachment and borderline personality disorder: A theory and some evidence. *Psychiatric Clinics of North America*, 23(1), 103-122.
- Fonagy, P., Gergely, G., Jurist, E., & Target, M. (2002). *Affect regulation, mentalization and the development of the self*. New York: Other Press.
- Fonagy, P. (2003). Towards a developmental understanding of violence. *The British Journal of Psychiatry*, 183, 190-192.
- Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. In J. Salomão (Dir. e Trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (Vol. 14, pp. 77-108). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).
- Garcia, M. V., Ribeiro, L. A., Jorge, M. T., Pereira, G. R., & Resende, A. P. (2008). Caracterização dos casos de violência contra a mulher atendidos em três serviços na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(11), 2551-2563.
- Goldim, J. R. (2000). *Manual de iniciação à pesquisa em saúde*. Porto Alegre: Dacasa.
- Granja, E., & Medrado, B. (2009). Homens, violência de gênero e atenção integral em saúde. *Psicologia & Sociedade*, 21, 25-34.
- Hermann, L. (2000). *Violência doméstica: a dor que a lei esqueceu*. Considerações sobre a lei 9099/95. Campinas, SP: Cel-Lex.
- Holtzworth-Munroe, A., & Meehan, J. C. (2004). Typologies of men who are maritally violent: scientific and clinical implications. *Journal of Interpersonal Violence*, 19, 1369-1389.
- Kelsey, R., Ornduff, S. R., Reiff, S., & Arthur, C. M. (2002). Psychophysiological correlates of narcissistic traits in women during active coping. *Psychophysiology*, 39(3), 322-332.
- Kernberg, O. F. (1967). Borderline personality organization. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 15, 641-685.
- Kernberg, O. F. (1979a). *Les troubles limites de la personnalité*. Paris: Privat.
- Kernberg O. F. (1979b). La transferencia y la contratransferencia en el tratamiento de pacientes fronterizos. In O. F. Kernberg (Org.), *La teoria de las relaciones objetales y el psicoanálisis clínico*. Buenos Aires: Paidós.
- Kernberg, O. F. (1995). *Agressão nos transtornos de personalidade e nas perversões*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Klein, M. (1969). *Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1932).
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário de psicanálise* (4. ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Morrell, B., Mendel, M. P., & Fischer, L. (2001). Object relations disturbances in sexually abused males. *Journal of Interpersonal Violence*, 16(9), 851-864.
- Padovani, R. C., & Williams, L. C. A. (2002). Intervenção psicoterapêutica com agressor conjugal: um estudo de caso. *Psicologia em Estudo*, 7(2), 13-17.
- Padovani, R. C., Cortez, M. B., & Williams, L. C. A. (2005). Terapia de grupo cognitivo-comportamental com agressores conjugais. *Estudos em Psicologia*, 22(1), 13-21.
- Saffioti, H. I. B. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. (Coleção Brasil Urgente). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Walker, L. E. (1984). *The battered woman syndrome*. New York: Springer Publishing Co.
- Werlang, B. S. G., Sá, S. D., & Borges, V. R. (2009). Violência doméstica contra a mulher e a Lei Maria da Penha. In S. L. R. Rovinski & R. M. Cruz. (Orgs.). *Psicologia jurídica: Perspectivas teóricas e processos de intervenção*. (Vol. 1, pp. 107-116). São Paulo: Vetor.
- Zogbi, H. (2007). *Pele e psiquismo, psicossomática e relações objetais: Características relacionais de pacientes portadores de dermatoses*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Zosky, D. (1999). The application of object relations. Theory to domestic violence. *Clinical Social Work Journal*, 27(1), 55-69.

APÊNDICES

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Com o intuito de contribuir para uma maior compreensão acerca da violência conjugal, abrangendo aspectos da história que repercutam na vida adulta, estamos realizando um estudo que fará parte da Dissertação de Mestrado “AGRESSOR CONJUGAL: UMA COMPREENSÃO PSICANALÍTICA”. Gostaríamos de convidá-lo a participar deste trabalho que consistirá em uma entrevista com aplicação de dois instrumentos.

Sua participação nesse estudo é voluntária. Caso não queira continuar participando, você poderá se retirar a qualquer momento. Esse abandono não implicará danos ou prejuízos. É importante salientar que as informações obtidas a partir dessas entrevistas serão gravadas em áudio e posteriormente transcritas. Na divulgação desses dados, sua identidade e seus dados pessoais não serão divulgados e, portanto, será garantida a confidencialidade destas informações.

A mestrandia responsável por este estudo é a psicóloga Suzana Catanio dos Santos Nardi (51-9973.0975), orientada pela professora Dra. Silvia Benetti (51-9964.4877). Para confirmar sua participação, você deverá preencher as informações solicitadas abaixo. Este documento será entregue em duas vias. Desde já, agradecemos a sua colaboração,

Suzana Catanio S. Nardi

Pesquisadora/Mestranda

Silvia Benetti

Professora Orientadora

Eu,....., declaro que fui informado(a) dos objetivos e finalidades da pesquisa acima descrita desenvolvida no Programa de Pós-Graduação, do Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) autorizando a minha participação.

Assinatura do participante

Data

Apêndice B – Carta de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UNISINOS



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Unidade de Pesquisa e Pós-Graduação (UAP&PG)
Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

Versão março/2008

UNIDADE DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
RESOLUÇÃO 066/2010

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS analisou o projeto:

Projeto: Nº CEP 10/040 **Versão do Projeto:** 26/05/2010 **Versão do TCLE:** 26/05/2010

Coordenadora:
Mestranda Suzana Catanio dos Santos Nardi (PPG em Psicologia)

Título: Agressor conjugal: uma compreensão psicanalítica.

Parecer: O projeto foi **APROVADO**, por estar adequado ética e metodologicamente, conforme os preceitos da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

A pesquisadora deverá encaminhar relatório anual sobre o andamento do projeto, conforme o previsto na Resolução CNS 196/96, item VII.13, letra d. Somente poderá ser utilizado o Termo de Consentimento onde conste a aprovação do CEP/UNISINOS.

São Leopoldo, 26 de maio de 2010.


Prof. Dr. José Roque Junges
Coordenador do CEP/UNISINOS

ANEXOS

Anexo A – Ficha de Dados Sociodemográficos

1. Nome	
2. Sexo	
3. Idade	
4. Estado civil	
5. Escolaridade	
6. Naturalidade	
7. Emprego atual	
8. Profissão	
9. Composição familiar Filhos: Quantos?	
10. Episódios de violência Frequência: Motivo:	
11. Tipo de relação Casado Companheiro Namorado Outro	
12. Presença de violência na história de vida Tipo de relação com o agressor:	

Anexo B – BORRTI-O: FOLHA DE RESPOSTA

NOME:

DATA DA APLICAÇÃO:

IDADE:

SEXO:

ESCOLARIDADE:

INSTRUÇÕES

Primeiro preencha a informação sobre seus dados pessoais.

Leia cada item com cuidado. Então, assinale a letra que mostra sua resposta. Responda de acordo com sua experiência mais recente. Se uma afirmação tende a ser verdadeira para você, assinale na coluna classificada como Verdadeiro (V). Se a afirmação tende a ser falsa para você, assinale na coluna classificada como Falso (F). Assinale apenas uma letra para cada afirmação. Por favor, tente responder a todas as afirmações.

Use apenas um lápis preto. Faça marcas escuras e fortes. Se você quiser mudar uma resposta, apague sua primeira marca completamente. Em seguida, assinale sua nova escolha. Por favor, não faça rabiscos sobre qualquer página desta Folha de Resposta.

(V) (F) 1. Eu tenho pelo menos um relacionamento estável e satisfatório.

(V) (F) 2. Se alguém não gosta de mim, eu sempre me esforço para ser agradável para esta pessoa.

(V) (F) 3. Eu gostaria de ser um ermitão para sempre.

(V) (F) 4. Eu sou capaz de me isolar e não falar com ninguém por períodos que chegam a durar até mais de uma semana.

(V) (F) 5. Eu habitualmente acabo magoando aquelas pessoas que me são mais íntimas.

(V) (F) 6. As pessoas com quem eu convivo me tratam mais como uma criança do que como um adulto.

(V) (F) 7. Se alguém que eu conheço bem vai embora, eu até posso sentir falta desta pessoa.

- (V) (F) 8. Eu posso lidar com discordâncias em casa sem perturbar o relacionamento familiar.
- (V) (F) 9. Eu sou extremamente sensível a críticas.
- (V) (F) 10. Exercer poder sobre outra pessoa é um prazer secreto para mim.
- (V) (F) 11. Às vezes, eu faço de tudo para conseguir as coisas do meu jeito.
- (V) (F) 12. Quando uma pessoa que me é próxima não está me dando toda a sua atenção, eu frequentemente me sinto magoado e rejeitado.
- (V) (F) 13. Se eu me torno íntimo de alguém, e este alguém não se mostra digno de confiança, eu posso ter raiva de mim mesmo pela forma como as coisas aconteceram.
- (V) (F) 14. É difícil para mim ficar íntimo de alguém.
- (V) (F) 15. Minha vida sexual é satisfatória.
- (V) (F) 16. Eu tenho tendência a ser aquilo que os outros esperam que eu seja.
- (V) (F) 17. Não importa o quanto um relacionamento possa ficar ruim, eu me mantereí nele.
- (V) (F) 18. Eu não tenho influência sobre ninguém ao meu redor.
- (V) (F) 19. As pessoas não existem quando eu não as vejo.
- (V) (F) 20. Eu fui muito magoado na vida.
- (V) (F) 21. Eu tenho alguém com quem eu posso compartilhar meus sentimentos mais íntimos e que compartilha tais sentimentos comigo.
- (V) (F) 22. Não importa o quanto eu tente evitá-las, as mesmas dificuldades surgem nos meus relacionamentos mais importantes.
- (V) (F) 23. Eu anseio ser completamente “um só” com alguém.
- (V) (F) 24. Nos relacionamentos, eu não fico satisfeito a menos que eu esteja com a outra pessoa o tempo todo.
- (V) (F) 25. Eu avalio muito bem as outras pessoas.
- (V) (F) 26. Relacionamentos que eu tenho com pessoas do sexo oposto sempre acabam da mesma maneira.
- (V) (F) 27. Os outros frequentemente tentam me humilhar.
- (V) (F) 28. Eu geralmente confio nos outros para tomar decisões por mim.
- (V) (F) 29. Eu geralmente me arrependo por ter confiado em alguém.

- (V) (F) 30. Quando eu estou com raiva de alguém que me é íntimo, eu sou capaz de conversar a esse respeito.
- (V) (F) 31. Manipular os outros é a melhor maneira de conseguir o que eu quero.
- (V) (F) 32. Eu frequentemente me sinto nervoso quando eu estou perto de pessoas do sexo oposto.
- (V) (F) 33. Eu frequentemente me preocupo com ser deixado de fora das coisas.
- (V) (F) 34. Eu sinto que eu tenho que agradar a todos senão eles poderão me rejeitar.
- (V) (F) 35. Eu me fecho e não vejo ninguém por meses.
- (V) (F) 36. Eu sou sensível a possíveis rejeições por pessoas importantes na minha vida.
- (V) (F) 37. Fazer amigos não é um problema para mim.
- (V) (F) 38. Eu não sei como me aproximar ou falar com pessoas do sexo oposto.
- (V) (F) 39. Quando eu não posso obrigar alguém próximo de mim a fazer o que eu quero, eu fico magoado ou com raiva.
- (V) (F) 40. O meu destino é levar uma vida solitária.
- (V) (F) 41. As pessoas nunca são honestas umas com as outras.
- (V) (F) 42. Eu me dedico muito nos relacionamentos e recebo muito em troca.
- (V) (F) 43. Eu me sinto tímido para me aproximar ou conversar com pessoas do sexo oposto.
- (V) (F) 44. A coisa mais importante para mim em um relacionamento é exercer poder sobre a outra pessoa.
- (V) (F) 45. Eu acredito que uma boa mãe deveria sempre agradar seus filhos.

Anexo C – Tabela de Correção da BORRTI-O

BORRTI – FORMA O
FOLHA DE PONTUAÇÃO PARA ELABORAÇÃO DO PERFIL
 (Bell, 1995; Bruscato, 1998)
 (Normas não patológicas)*

ESCORE T	ALIENAÇÃO (ALN)	VINCULAÇÃO INSEGURA (IA)	EGOCENTRISMO (EGC)	INCAPACIDADE SOCIAL (SI)
88	2,22	2,05	2,88	2,34
86	1,84	1,79	2,01	2,12
84	1,68	1,75	1,79	2,04
82	1,55	1,62	1,56	1,97
80	1,29	1,54	1,51	1,90
78	1,00	1,29	1,09	1,63
76	0,82	1,10	0,88	1,50
74	0,63	0,92	0,66	1,25
72	0,36	0,72	0,43	0,98
70	0,06	0,37	0,13	0,49
68	-0,07	0,22	0,03	0,23
66	-0,21	0,10	-0,08	-0,07
64	-0,49	-0,24	-0,33	-0,39
62	-0,57	-0,35	-0,40	-0,46
60	-0,73	-0,66	-0,57	-0,61
58	-0,78	-0,76	-0,65	-0,65
56	-0,84	-0,87	-0,73	-0,73
54	-0,90	-1,14	-0,78	-0,81
52	-0,94	-1,22	-0,82	-0,85
50	-0,96	-1,28	-0,87	-0,88
48	-1,00	-1,40	-0,96	-0,92

*A área sombreada indica patologia nas relações objetais.